

Boletim de Conjuntura

DISTRITO FEDERAL

Número 14 – 3º trimestre de 2020

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Ibaneis Rocha
Governador

Marcus Vinicius Britto
Vice-Governador

SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA - SEEC
André Clemente Lara de Oliveira
Secretário

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL - CODEPLAN
Jeansley Lima
Presidente

Juliana Dias Guerra Nelson Ferreira Cruz
Diretora Administrativa e Financeira

Clarissa Jahns Schlabit
Diretor de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas

Daienne Amaral Machado
Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Renata Florentino de Faria Santos
Diretora de Estudos Urbanos e Ambientais

EQUIPE RESPONSÁVEL

Diretoria de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas | DIEPS

Diretora – Clarissa Jahns Schlabit

Gerência de Contas e Estudos Setoriais - Gecon

Gerente - Jéssica Filardi Milker Figueiredo

Carlos Alberto Reis

Eurípedes Regina Rodrigues de Oliveira

Sandra Regina Andrade Silva

Renato Costa Coitinho

Sumário

Introdução

Seção I – Economia Brasileira

Seção II – Atividade Econômica do Distrito Federal

Seção III – Análise de Preços

Seção IV – Mercado de Trabalho

Considerações finais

Introdução

O 3º trimestre de 2020 trouxe os primeiros indícios de recuperação da economia nacional e distrital em resposta ao relaxamento das medidas restritivas impostas para combater o novo coronavírus. Esse cenário embasa as análises da décima quarta edição do *Boletim de Conjuntura do Distrito Federal* e ajuda a explicar o comportamento do Índice de Desempenho Econômico do Distrito Federal (Idecon/DF), que evidencia de forma mais tempestiva a performance do mercado da capital federal.

Ressalte-se que o processo de retomada da atividade econômica ainda está no início de forma e os resultados permanecem aquém dos registrados no mesmo período de 2019. Em alguns indicadores, a economia distrital apresenta uma trajetória de crescimento mais acentuada que a brasileira. Em ambas, no entanto, os segmentos associados a comercialização de produtos e serviços essenciais, como o de alimentos e saúde, mantiveram seu bom desempenho, uma vez que eles não tiveram o funcionamento de seus estabelecimentos suspensos.

A inflação do período se deve a uma melhora da demanda, em função da recuperação do poder de compra da população por meio do recebimento do auxílio emergencial, da contratação de crédito e da redução do desemprego, associada a uma contração da oferta, prejudicada pelo menor nível de produção e pelo aumento das exportações estimulado pela desvalorização do Real frente ao dólar.

Já os números do mercado de trabalho do terceiro trimestre apresentam uma melhora do quadro desenhado no trimestre anterior. Foi registrada redução de desemprego combinado com aumento da participação da população no mercado de trabalho. Essa combinação indica aquecimento do mercado, o que pode ser verificado também, pelo aumento das contratações no setor privado formal.

O Boletim é, portanto, uma importante ferramenta capaz de informar e orientar a tomada de decisão dos diversos atores da sociedade do Distrito Federal e, assim, colaborar para tornar as políticas públicas mais eficientes. Para isso, descreve a situação dos mercados nacional e distrital a partir de uma ampla gama de estatísticas econômicas, dando publicidade aos resultados do Idecon/DF, nas duas primeiras seções. Em seguida, avalia o nível de preço mensurado pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) para distinguir a inflação incidente sobre os diferentes estratos sociais da capital. Os resultados do mercado de trabalho são analisados na quarta seção. Por fim, apresentam-se as considerações finais com as expectativas de mercado e as perspectivas que devem ditar o nível de atividade econômica nos próximos meses

Seção I

Economia Brasileira

1. Sumário

No terceiro trimestre de 2020, o Brasil saiu da recessão técnica e apresentou crescimento do seu Produto Interno Bruto (PIB) de 7,7% em relação ao trimestre anterior. Na comparação com o mesmo trimestre de 2019, a variação foi -3,9%, provocada por quedas na *Indústria* (-0,9%) e nos *Serviços* (-4,8%). Apenas a *Agropecuária* registrou alta de 0,4% na mesma base de comparação. Os resultados refletem ainda o efeito da pandemia sobre os segmentos produtivos, que, mesmo com o relaxamento das restrições comerciais, ainda não se recuperaram totalmente.

Apesar da melhora no nível de atividade, os estímulos não foram suficientes para viabilizar um nível de contratações acima do de desligamentos, resultando em uma alta na taxa de desocupação, que atingiu 14,6% no terceiro trimestre. Isso representa um aumento de 1,3 milhão de desocupados no país em relação ao trimestre passado.

O terceiro trimestre apresentou uma tendência inflacionista com o nível de preços apresentando crescimento de 1,24%, de acordo com os dados do IPCA, impulsionado, principalmente, pela alta nos preços do grupo de *Alimentação e bebidas* (+3,09%). Apenas três grupos registraram queda no período de referência: *Educação* (-3,67%), *Vestuário* (-0,93%) e *Despesas pessoais* (-0,03%). No acumulado em 12 meses, a inflação brasileira mostrou alta de 3,14% e as expectativas de mercado são de que o IPCA feche o ano em 3,25% de acordo com o Boletim Focus¹.

Na política fiscal e monetária expansionistas do período, prevaleceu a tendência expansionista com a concessão de auxílios financeiros e a manutenção da taxa de juros de referência da economia brasileira, a Taxa Selic, no patamar historicamente baixo de 2,00% ao ano. O resultado primário real do Governo Federal foi de déficit de R\$ 261,15 bilhões no acumulado entre julho e setembro de 2020. Essa dinâmica deve se manter ao longo do quarto trimestre com o intuito de estimular a economia nacional e, assim, buscar uma recuperação mais rápida do nível de atividade.

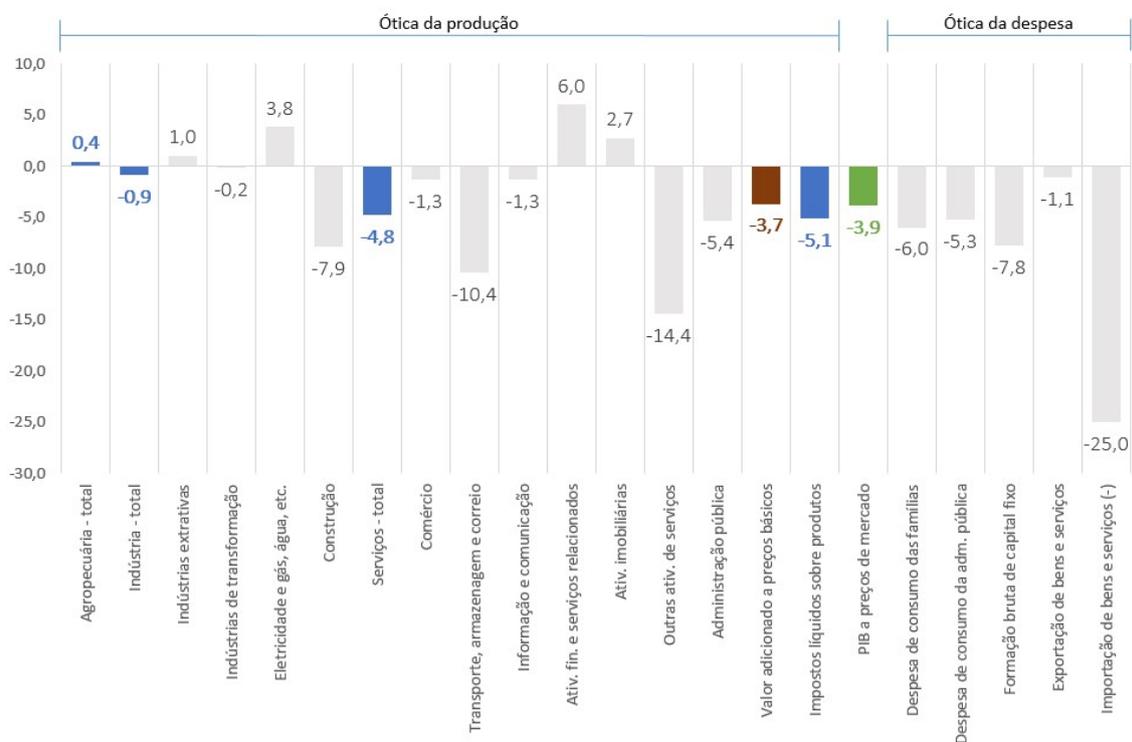
¹ Boletim Focus de 13/11/2020.

2. Nível de atividade

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro apresentou alta de 7,7% no terceiro trimestre de 2020 em relação ao trimestre anterior. A variação positiva observada mostra a recuperação da economia nacional, bem como representa a saída da recessão em que o país se encontrava e uma resposta ao afrouxamento das medidas restritivas impostas para combater a disseminação do novo coronavírus. No entanto, é preciso destacar que o resultado é 3,9% inferior ao mesmo período de 2019

De acordo com os dados das Contas Nacionais Trimestrais, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Agropecuária apresentou estabilidade no trimestre contra o mesmo trimestre do ano anterior, com uma variação positiva de 0,4% (Gráfico 1). Esse bom desempenho está relacionado, principalmente, ao crescimento da estimativa da produção anual para culturas com safras relevantes no terceiro trimestre como café (+21,6%), cana de açúcar (+3,5%), algodão (+2,5%) e milho (+0,3%).

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto – Variação no trimestre contra o mesmo trimestre do ano anterior (%) – 3º trimestre de 2020 – Brasil



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Os Serviços e a Indústria, setores que foram mais afetados pela pandemia, não conseguiram se recuperar plenamente após o relaxamento das medidas restritivas de combate ao novo coronavírus e registraram variações de -4,8% e de -0,9% na comparação entre os terceiros trimestres de 2019 e 2020.

No setor de Serviços, destacou-se a retração observada em *Outras atividades de serviços* (-14,4%), que engloba serviços de alojamento em hotéis e similares, serviços de alimentação, serviços de artes, cultura, esporte e recreação, entre muitos outros, e a variação negativa do *Transporte, armazenagem e correio* (-10,4%). Esses segmentos têm em comum o fato de ainda estarem sob o efeito das medidas de contenção à disseminação da Covid-19 no terceiro trimestre de 2020. Isso porque, mesmo com a liberação das atividades comerciais, ainda há restrições ao horário de funcionamento, capacidade de atendimento e recomendações de distanciamento social, o que resulta em uma diminuição da procura por esses serviços. No caso do transporte, o desemprego elevado e a manutenção de funcionários em regime de teletrabalho, reduz a necessidade de deslocamentos da população. Dos sete segmentos do setor, apenas as *Atividades financeiras* e as *Atividades imobiliárias* apresentaram variações positivas (6,0% e 2,7% respectivamente).

As atividades industriais, por sua vez, registraram uma pequena queda de 0,9% no terceiro trimestre com relação ao mesmo trimestre de 2019, verificando uma melhora em relação ao percentual do segundo trimestre (-12,7%) na mesma base de comparação. Dentre os segmentos pesquisados, *Eletricidade e gás, água, esgoto, etc.* (+3,8%) e as *Indústrias extrativas* (+1,0%) cresceram no período. Já a *Construção* (-7,9%) e as *Indústrias de transformação* (-0,2%) registraram quedas, porém menos intensas que as verificadas no trimestre anterior.

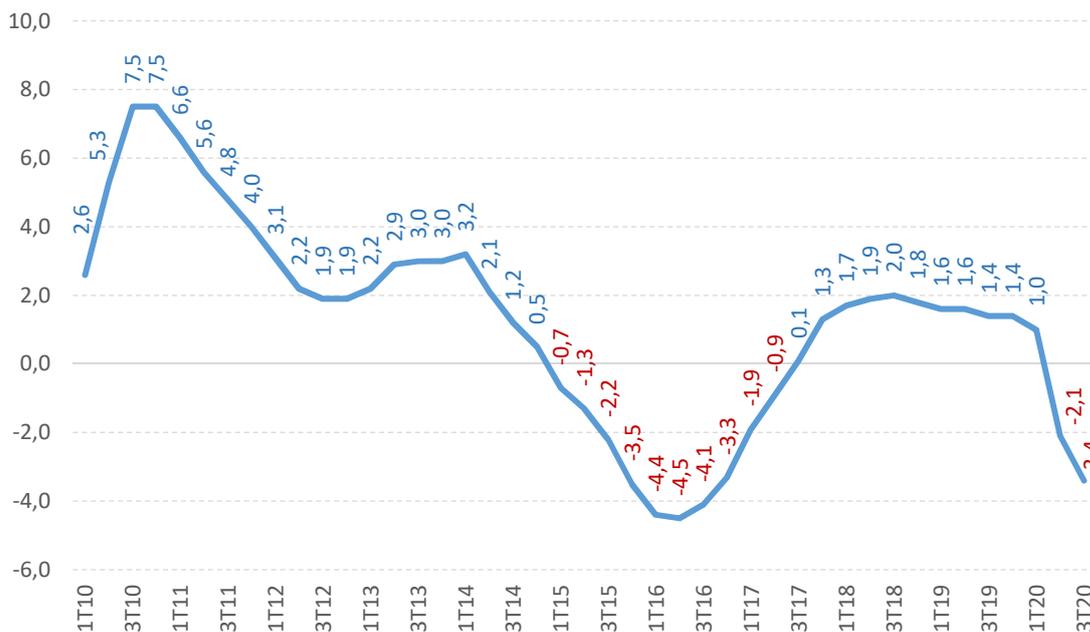
Pela ótica da despesa, todos os segmentos recuaram no terceiro trimestre de 2020 em relação ao mesmo período do ano anterior. O destaque negativo é dado à *Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF)*, cuja queda de 7,8%, reflete os menores investimentos em expansão produtiva e pela redução significativa da importação de bens de capital, assim como pela queda na Construção. O *Consumo das famílias* recuou 6,0%, terceira queda consecutiva, influenciado pelo desempenho negativo do mercado de trabalho e da contração combinada na oferta e na demanda de serviços com peso relevante para as famílias. O *Consumo do governo* teve retração de 5,3%.

No comércio exterior, as Importações caíram 25,0% no período em função, principalmente, das quedas em veículos automotores; derivados de petróleo; máquinas e equipamentos; outros equipamentos de transportes; e serviços. Além disso, corrobora para o resultado a elevada taxa de câmbio que desestimula as aquisições de produtos estrangeiros. As *Exportações*, por sua vez, apesar de serem estimuladas pela desvalorização do Real frente ao Dólar, apresentaram queda de 1,1% no período.

Resultados em 12 meses

No acumulado em quatro trimestres, o PIB nacional apresentou retração de -3,4% no trimestre findo em setembro de 2020, mostrando que o resultado positivo trimestral não foi suficiente para reverter os prejuízos do segundo trimestre, período no qual se concentraram as restrições econômicas em função da pandemia da Covid-19.

Gráfico 2 - Produto Interno Bruto – Variação acumulada em quatro trimestres contra o mesmo período do ano anterior (%) – 1º trimestre de 2010 a 3º trimestre de 2020 – Brasil



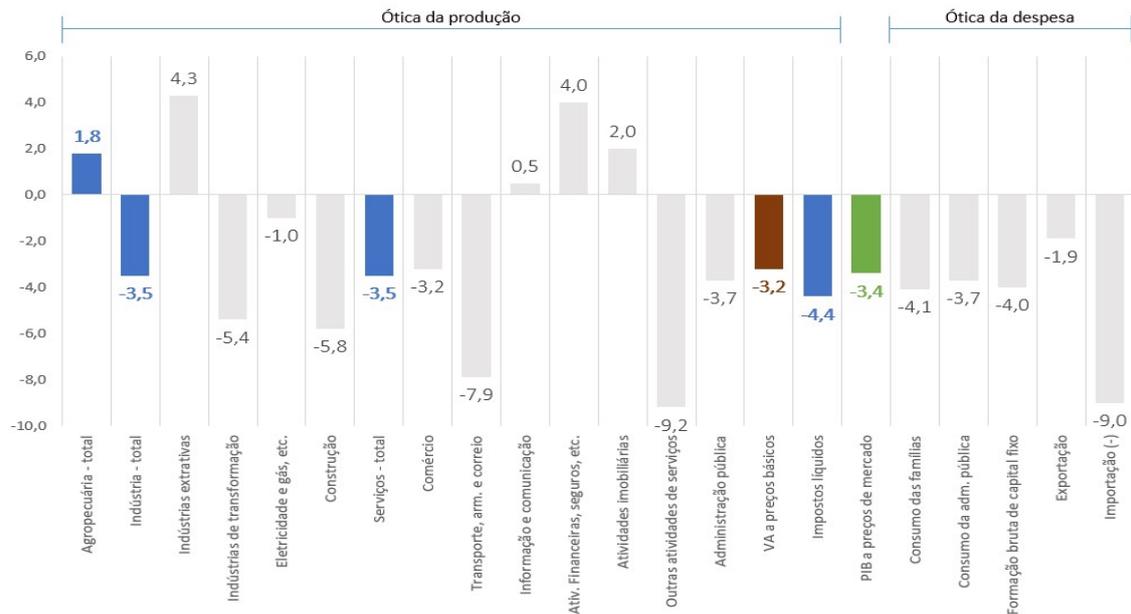
Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A análise por setores produtivos apresenta conclusões semelhantes às destacadas na comparação trimestral. A *Agropecuária* foi o único setor com variação positiva (1,8%), enquanto a *Indústria* (-3,5%) e os *Serviços* (-3,5%) recuaram no período.

Pela ótica da produção, os serviços de *Informação e comunicação* passaram a apontar crescimento (+0,5%) no acumulado em quatro trimestres, ilustrando que sua trajetória recente foi positiva o suficiente para compensar a queda observada no segundo trimestre de 2020. As *Atividades financeiras* (+4,0%) e as *Atividades imobiliárias* (+2,0%) também mantiveram suas variações positivas, assim como as *Indústrias extrativas* (+4,3%). Todos os demais segmentos, porém, se contraíram na comparação.

Pela ótica da despesa, todas as contas continuaram a apresentar variação negativa no acumulado em quatro trimestres em relação ao mesmo período de 2019. Importante mencionar que a queda da FBCF (-4,0%), que representa o investimento em capital produtivo, prejudica o potencial de crescimento futuro do PIB brasileiro e pode dificultar uma recuperação mais rápida da produção nacional.

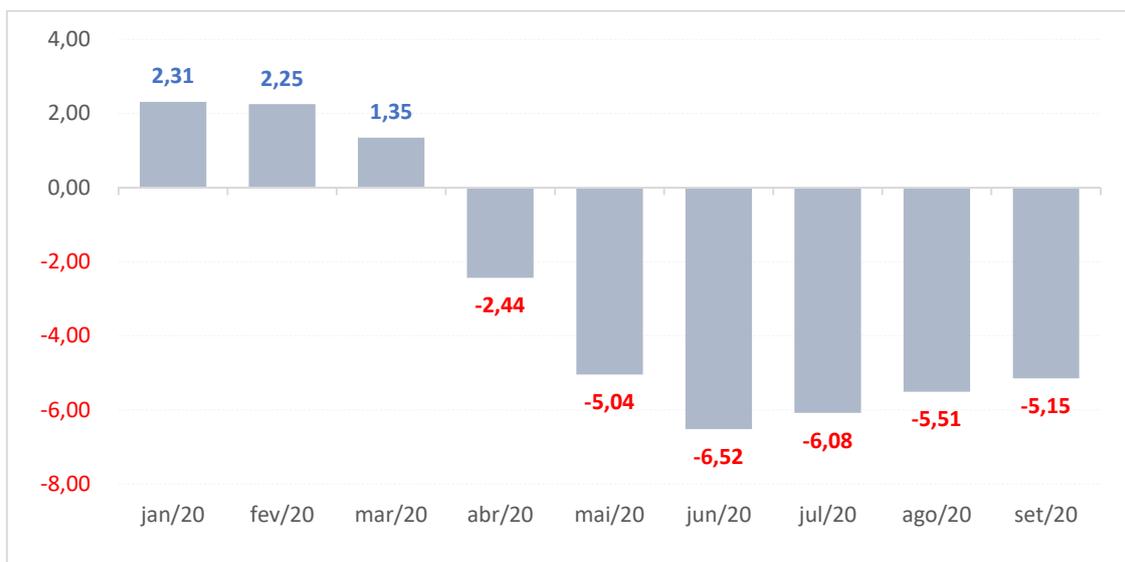
Gráfico 3 – Produto Interno Bruto – Variação acumulada em quatro trimestres contra o mesmo período do ano anterior (%) – 3º trimestre de 2020 – Brasil



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Por outro lado, vale destacar o ponto positivo do trimestre que é a melhora gradual das perspectivas sobre o resultado anual do PIB brasileiro. Como apresentado no Gráfico 4, a medidas das expectativas de crescimento da produção nacional recuaram de -6,52%, em junho de 2020, para -5,15% em setembro. Ainda que o resultado seja bastante negativo, ele evidencia uma melhora do nível de atividade.

Gráfico 4 – Produto Interno Bruto – Mediana das expectativas de crescimento do PIB brasileiro em 2020, por mês – Brasil



Fonte: Sistema de Expectativas de Mercado/BCB. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

3. Mercado de trabalho

No terceiro trimestre de 2020, mesmo com o afrouxamento das medidas de restrição ao funcionamento dos estabelecimentos comerciais, o mercado de trabalho não respondeu de forma satisfatória, levando a um aumento da taxa de desocupação no Brasil de 13,3%, registrado no trimestre anterior, para 14,6%. Isso representa um aumento de 1,3 milhão de desocupados no país em relação ao trimestre passado e de 1,6 milhão em relação ao mesmo trimestre do ano anterior de acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios Contínua Trimestral (PNADCT).

É preciso ressaltar que, apesar do aumento no número de desocupados, a taxa de participação (55,1%) também caiu em relação ao trimestre anterior e ainda é muito inferior à observada há um ano (62,1%) mostrando que ainda é alto o percentual da população em idade de trabalhar que optou por não procurar um emprego. Os motivos para essa decisão são diversos, mas os principais estão atrelados as baixas perspectivas diante do cenário econômico desfavorável ou ao receio de se contaminar com o novo coronavírus. De acordo com a Pnad Covid, cerca de 27,0% das pessoas desocupadas ou não ocupadas, mas que gostariam de trabalhar, não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade em média no terceiro trimestre de 2020.

A recuperação do mercado de trabalho também é observada nos dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo CAGED), que evidenciam a criação de 697,30 mil de vagas de empregos formais no terceiro trimestre de 2020. O maior saldo positivo foi registrado no setor de *Serviços*, responsável por 57,2% (398,66 mil vagas) dos postos de trabalho gerados, seguido pela *Indústria* (36,8% e 256,75 mil vagas) e pela *Agricultura* (6,0% e 41,95 mil vagas). Mesmo com o bom resultado do terceiro trimestre, no acumulado do ano de 2020, os desligamentos superaram as novas admissões em 558,60 mil vagas.

4. Inflação

O nível de preços cresceu 1,24% no terceiro trimestre de acordo com os dados do IPCA, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no mercado brasileiro. O percentual representa uma inversão da tendência de queda observada no trimestre anterior, cuja variação foi de -0,43%, e pode sinalizar, entre outros fatores, a retomada do consumo das famílias.

No trimestre de referência, as maiores altas foram registradas no grupo de *Alimentação e Bebidas* (+3,09%), influenciado, principalmente, pela inflação observada em produtos como *Arroz* (+24,3% e +0,13p.p.), *Leite longa vida* (+15,4% e +0,11 p.p.) e *Óleo de soja* (+39,2% e +0,07 p.p.), todos itens da cesta básica do brasileiro. O principal vetor de queda do indicador foi o serviço de *Educação* que, entre julho e setembro de 2020, observou uma redução de -3,67% nos preços praticados no Brasil, contribuindo para que o índice geral fosse 0,23

p.p. menor. Os outros dois grupos que tiveram deflação no período analisado foram *Vestuário* (-0,93% e -0,04 p.p.) e *Despesas pessoais* (-0,03% e -0,003 p.p.).

A conjuntura inflacionista do período pode estar associada a uma recuperação da demanda mais rápida que a resposta da oferta a redução das restrições ao funcionamento do comércio nas cidades brasileiras. Esse movimento deve perdurar no próximo trimestre, porém ele não será suficiente para levar a inflação ao centro da meta estipulada pelo Banco Central (+4,00%). No acumulado em 12 meses, a inflação do país está em 3,14% e as expectativas de mercado são de que o IPCA feche o ano em 3,25% de acordo com o Boletim Focus².

5. Política fiscal e monetária

O Governo Federal verificou novo déficit do seu resultado primário, calculado em R\$ 261,15 bilhões no terceiro trimestre de 2020. O número, divulgado pela Secretaria do Tesouro Nacional, é mais que 5 vezes maior que o montante verificado no mesmo período de 2019 (R\$ 39,69 bilhões). Esse aprofundamento se deve, majoritariamente, ao esforço fiscal realizados com as medidas de enfrentamento ao Covid-19. De acordo com o Ministério da Economia, a maior despesa é com o pagamento do auxílio emergencial aos cidadãos, seguido pelos Auxílio Financeiro Emergencial Federativo e Benefício Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda³. Cabe mencionar, também, que as receitas com a arrecadação de impostos aumentaram em resposta à melhora dos indicadores econômicos do país.

Em termos de política monetária, a principal ação do governo federal centra-se na manutenção de uma taxa de juros básica da economia brasileira, a Taxa Selic, em patamares historicamente baixos. O último ajuste realizado pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM) a reduziu para 2,00% ao ano em agosto⁴ de 2020.

É provável que esse comportamento política fiscal e monetária expansionistas permaneça ao longo do quarto trimestre de 2020, talvez com menor intensidade, com o intuito de estimular a economia e, assim, lograr uma recuperação mais rápida.

² Boletim Focus de 13/11/2020.

³ <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/julho/medidas-fiscais-no-combate-aos-efeitos-da-covid-19-alcancam-r-521-3-bilhoes>

⁴ O Copom reduziu a taxa Selic de 2,25% para 2,00% em 5 de agosto de 2020.

Seção II

Atividade Econômica do Distrito Federal

1. Sumário

A economia do Distrito Federal desacelerou no 3º trimestre de 2020, registrando uma variação negativa de -0,6% em relação ao mesmo trimestre de 2019 de acordo com os dados do Idecon-DF. O resultado, porém, aponta melhora significativa em relação ao segundo trimestre do ano, quando foi de -3,9%⁵. O desempenho é resultado da combinação do crescimento da Agropecuária e Indústria, cujos indicadores avançaram 2,0% e 1,3%, respectivamente, com a desaceleração do setor de Serviços, que apresentou uma contração de -0,7%.

O cenário desfavorável motivado pela crise da saúde pública desencadeada pelo novo coronavírus, mesmo após a reabertura dos estabelecimentos comerciais distritais, interpretou importante papel na retração produtiva observada. No acumulado em quatro trimestres, a capital federal apresenta pequena variação de -0,2%, a primeira negativa desde o final de 2017, influenciada pela retração de -1,3% na Indústria e estabilidade (variação de -0,1%) nos Serviços, apesar de bons números na Agropecuária (expansão de 2,2%). Ainda assim, o resultado foi superior ao observado no cenário nacional, onde a variação foi de -3,4% no indicador.

A recuperação da economia local do terceiro trimestre não foi suficiente para superar as perdas ocasionadas pela pandemia e isso espelha-se nas análises setoriais divulgadas pelo IBGE. A Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) detalha como a pandemia influenciou o comportamento do comércio varejista ampliado do DF, apontando uma redução de 7,1% no acumulado no ano até setembro, apesar da alta observada no comércio móveis e eletrodomésticos (+24,7%) e material de construção (+7,7%).

A Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), por sua vez, sinaliza uma contração de 6,7% no mesmo período. A performance negativa foi alavancada pelos Serviços prestados às famílias (-40,5%) e pelo segmento de Transportes (-23,2%), que tiveram tanto a sua oferta quanto a demanda prejudicadas pelas medidas de combate a Covid-19 e seu reflexo sobre o poder de compra da população.

Por fim, os indicadores auxiliares, que demonstram a relação do mercado distrital com o financeiro e exterior, indicam uma recuperação do rendimento real dos indivíduos, uma maior captação de crédito pelas pessoas físicas e jurídicas e uma melhora do saldo da balança comercial da região. Esses fatores favorecem o nível de atividade econômica, pois os dois primeiros representam um aumento

⁵ O valor preliminar foi ajustado com base nos valores definitivos do PIB dos municípios brasileiros de 2018, que foram divulgados em novembro de 2020.

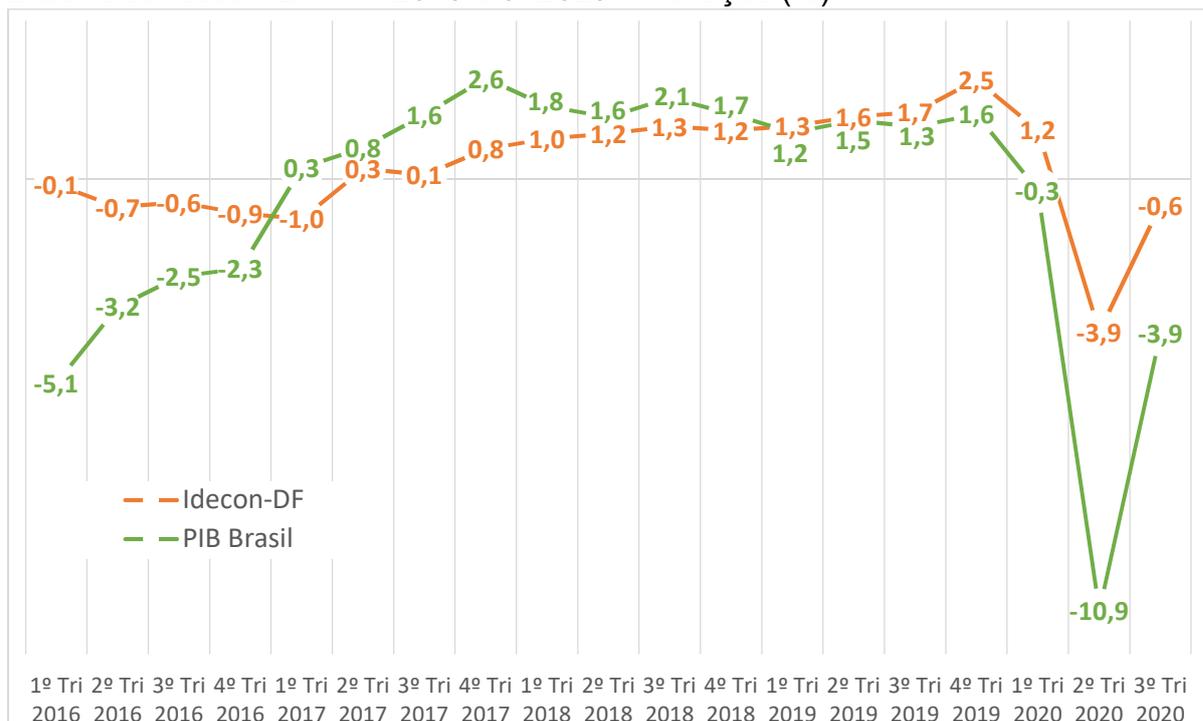
dos recursos disponíveis para consumo e investimentos e, o segundo, um indicativo de aumento na produção local.

Cabe mencionar que o período compreendido entre os meses de julho e setembro de 2020 representa o primeiro trimestre após a reabertura, mesmo que ainda sujeita a restrições, dos estabelecimentos comerciais da região. Assim, os efeitos da pandemia sobre a renda das famílias e sua demanda por bens não-essenciais ainda não se dissiparam plenamente, devendo ainda ser sentidos pelos próximos trimestres.

2. Índice de Desempenho Econômico do Distrito Federal – Idecon-DF

O Distrito Federal apresentou queda no seu desempenho econômico no 3º trimestre de 2020 e registrou uma variação de -0,6% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. Apesar do resultado negativo, o valor representa uma ascensão nítida em relação ao segundo trimestre do ano, quando foi de -3,9%. As medidas restritivas às atividades comerciais do Distrito Federal adotadas para combater a disseminação do novo coronavírus na região no final do primeiro trimestre foram sendo flexibilizadas gradualmente ao longo dos meses seguintes. Dessa forma, os prejuízos à economia local concentraram-se no 2º trimestre de 2020, enquanto o 3º já sinalizou indícios de uma recuperação da economia local. O percentual é maior do que o resultado obtido pelo Produto Interno Bruto (PIB) do país que, de acordo com o IBGE, foi de -3,9% na mesma base de comparação. A evolução da taxa trimestral dos dois indicadores é apresentada no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Nível de atividade econômica: Evolução da taxa trimestral do PIB-Brasil e do Idecon-DF – 1T2015 a 3T2020 – Variação (%)

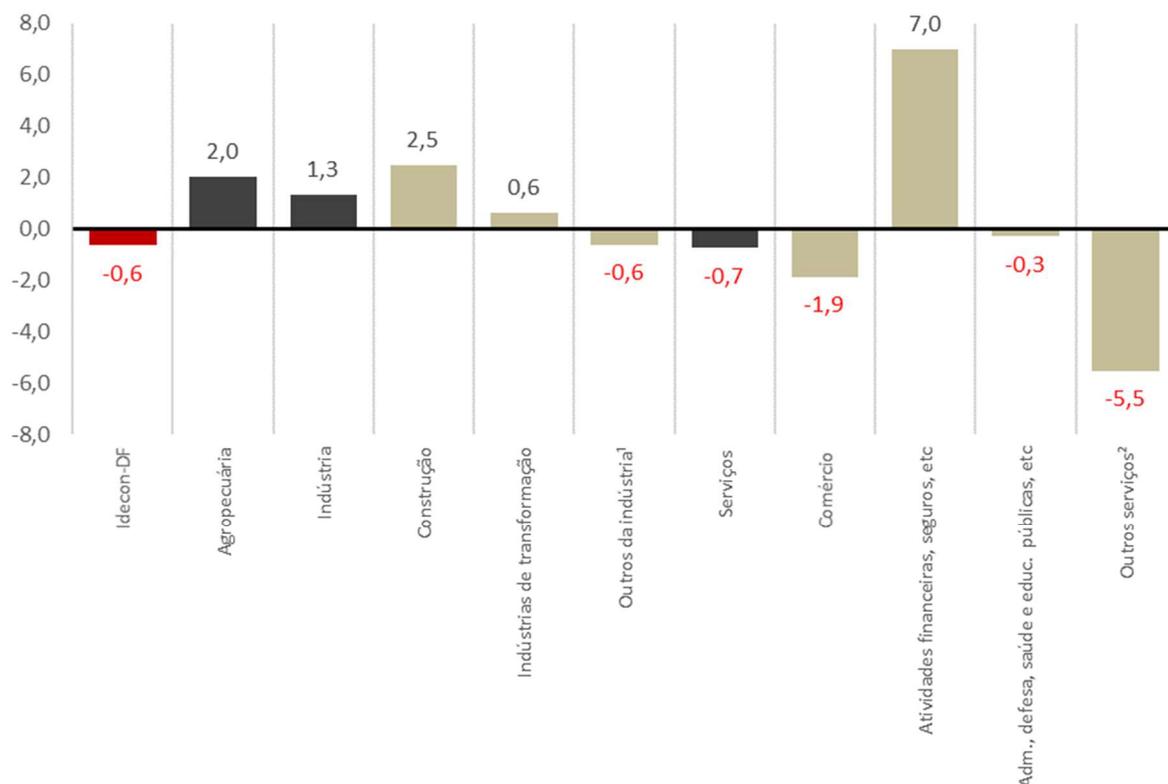


Fonte: Codeplan e IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Mesmo após a retomada generalizada das atividades econômicas locais, apesar de ainda sujeita a limitações de horas de funcionamento e ocupação, a pandemia continua afetando de forma diferente os setores produtivos da economia distrital. Setores essenciais permaneceram operando de forma mais constante, enquanto outros, como bares e restaurantes, ainda lutam para recuperar a confiança dos consumidores em frequentar seus estabelecimentos.

Assim, é fácil entender o porquê de a *Agropecuária*, responsável pela produção de bens tão importantes como são os alimentos, ser o setor de maior crescimento no 3º trimestre de 2020. Esse setor registrou alta de 2,0% em relação ao mesmo trimestre no ano anterior puxado, principalmente, pelo crescimento da produção de feijão (38,7%). O resultado, no entanto, não teve forte influência sobre o indicador geral da região devido ao fato de esse setor não possuir grande representatividade na estrutura produtiva do Distrito Federal, colaborando com 0,5% da economia local.

Gráfico 2 - Idecon-DF: Variação Trimestral (%) por Segmentos de Atividade Econômica – Distrito Federal – Trimestre em relação ao mesmo trimestre no ano anterior – 3T2020



¹ Extrativa mineral e Eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana.

² Informação e Comunicação; Alojamento e alimentação; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Educação e saúde mercantis; e Serviços domésticos; Transporte, armazenagem e correio e Atividades imobiliárias.

Fonte: Codeplan. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A *Indústria*, por sua vez, apresentou variação também positiva, porém menos intensa, de 1,3% em relação ao 3º trimestre de 2019. A maior contribuição veio da categoria de *Construção* (+2,5%), performance que merece destaque pelo fato de ela ser intensiva em mão de obra e ser o melhor resultado para o segmento desde 2013. Isso significa que a expansão percebida nesse indicador pode refletir positivamente sobre o mercado de trabalho local e representar um aumento no número de ocupados nessa atividade. As *Indústrias de transformação* também registraram crescimento (+0,6%) na comparação.

A categoria de *Outros da indústria*, por sua vez, registrou contração de 6,0%, refletindo uma redução na demanda de Eletricidade, gás, água e esgoto e limpeza urbana, que ficou abaixo do patamar registrado no ano anterior. Uma explicação plausível para esse comportamento, é que, com a redução do nível de atividade produtiva, o consumo de eletricidade e água pelos estabelecimentos comerciais e industriais do DF reduziu-se, impactando negativamente o desempenho dos segmentos que os fornecem.

O último setor a ser analisado, o de Serviços, representa 95,3% da economia do Distrito Federal e, portanto, é o de maior peso na determinação do dinamismo produtivo da região. Preocupa, então, o fato de esse grupo econômico ter exibido variação negativa de 0,7% na base de comparação do 3º trimestre de 2020 contra o mesmo trimestre de 2019.

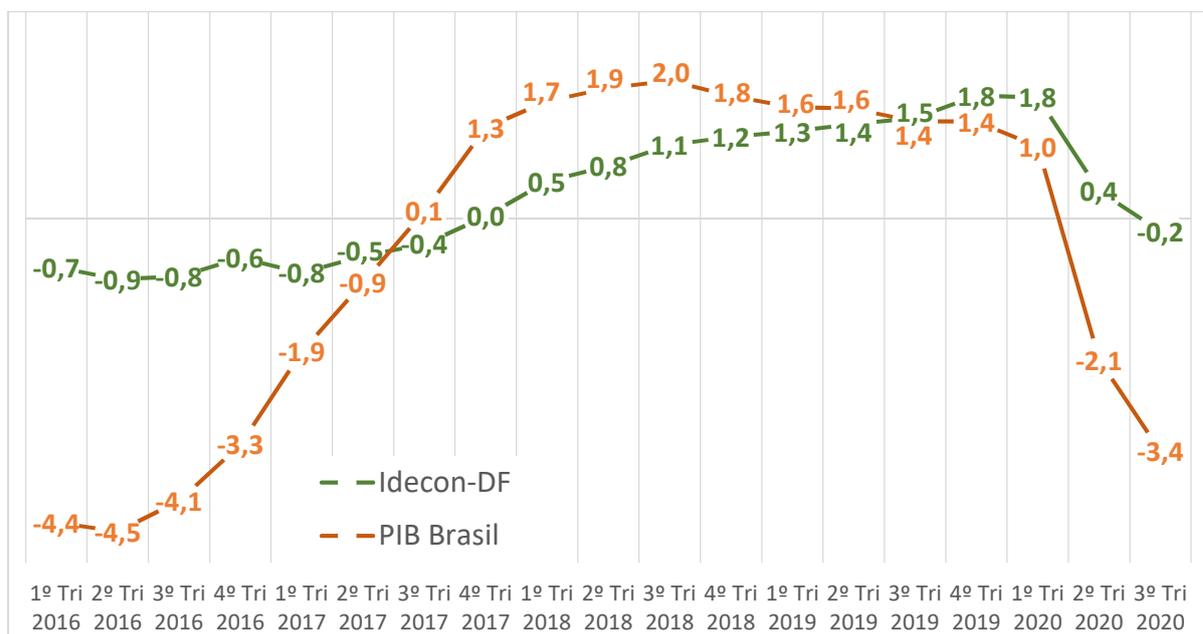
O resultado reflete, entre outras coisas, a contração de 1,9% nas atividades de *Comércio*. De certa forma, esse comportamento era esperado por capturar, em parte, as consequências de médio-prazo que medidas de combate ao novo coronavírus provocam na economia local, mesmo após a sua reabertura. Fechamentos de estabelecimentos comerciais, uma massa salarial ainda inferior à observada no ano anterior e insegurança das famílias em frequentar o comércio distrital são alguns dos fatores que explicam o resultado do nível de atividade desse segmento.

Em contrapartida, as *Atividades financeiras, de seguros e de serviços relacionados* da capital federal registraram alta de 7,0% na comparação do 3º trimestre de 2020 com o mesmo trimestre de 2019. Isso pode estar associado ao fato de as taxas de juros se encontrarem em um patamar historicamente baixo, o que pode estimular as transações financeiras e as contratações de crédito, e o aumento da concessão de crédito pelas instituições financeiras. O Idecon-DF também mostra uma redução de 0,3% na *Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social* e de 5,5% em *Outros serviços*.

Taxa acumulada em quatro trimestres

No acumulado em quatro trimestres, o Idecon-DF passou a apontar resultado negativo pela primeira vez desde o final de 2017, com variação de -0,2% no período findo no 3º trimestre de 2020 contra igual período do ano anterior, como mostrado no Gráfico 3. O resultado não foi pior devido ao bom desempenho da economia distrital entre outubro de 2019 e março de 2020. Em nível nacional, o desempenho ainda fraco da economia no 3º trimestre do ano levou a taxa acumulada de -2,1% no trimestre anterior para -3,4% no atual.

Gráfico 3 – Nível de atividade econômica: Evolução da taxa acumulada em quatro trimestres do PIB do Brasil e do Idecon-DF – 1T2015 a 3T2020 – Variação (%)



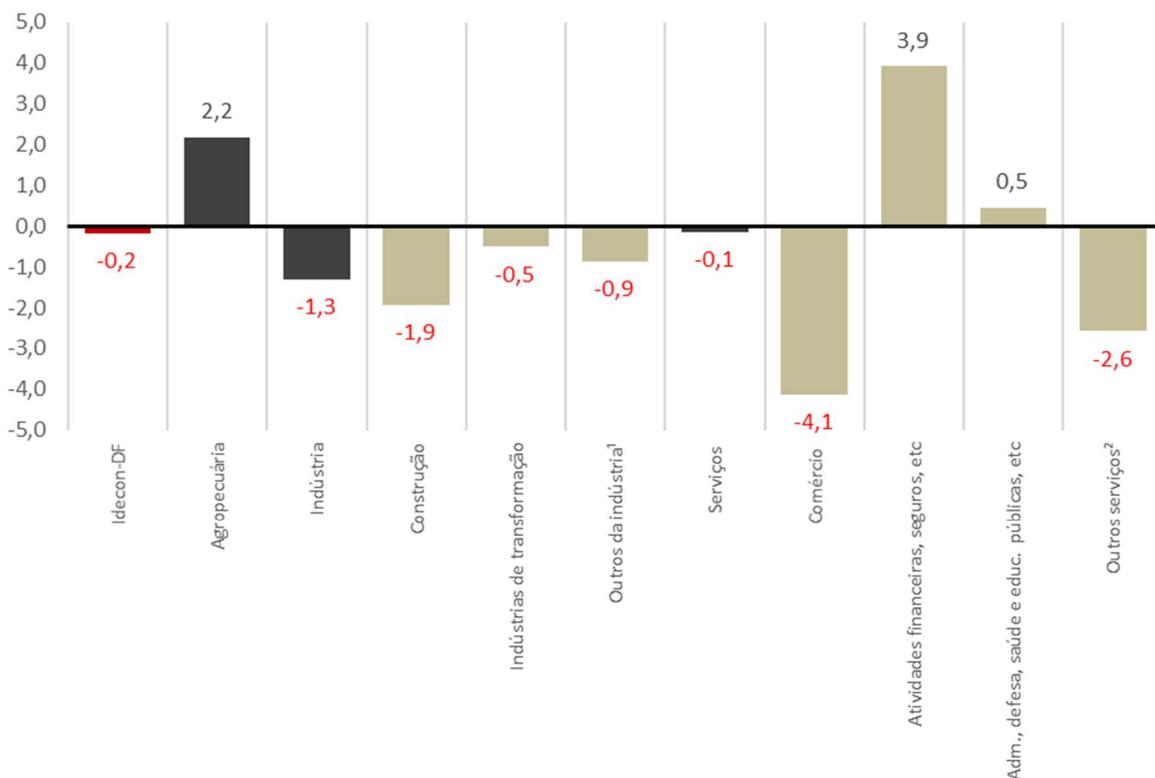
Fonte: Codeplan e IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

A análise mais detalhada por setor produtivo, com base nos percentuais apresentados no Gráfico 4, revela que a *Agropecuária* do Distrito Federal sustenta seu percentual positivo, indicando uma performance consistente do seu ritmo produtivo recente. As atividades primárias perceberam um aumento de 2,2% na taxa acumulada em quatro trimestres, o maior percentual dentre os grandes grupos econômicos da capital.

A variação da *Indústria*, porém, inverte seu sinal no indicador acumulado em quatro trimestres e passa a ser de -1,3%. Todos seus segmentos apresentam contração na comparação, com a *Construção* apontando a maior queda, de 1,9%. A *Indústria da transformação* variou -0,5%, enquanto o segmento de *Outros da indústria* retraiu 0,9%.

Por fim, o setor de Serviços se manteve próximo à estabilidade quando analisado seu comportamento acumulado em quatro trimestres, com variação de -0,1%. O *Comércio* apresenta contração de -4,1%, tendo caído 6,4 pontos percentuais entre o primeiro e o terceiro trimestre do ano nessa base de comparação. Os *Outros serviços* também apontaram resultado negativo (-2,6%), enquanto as *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados* (+3,9%) e *Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social* (+0,5%) seguraram uma queda maior do setor como um todo.

Gráfico 4 - Idecon-DF: Variação acumulada em quatro trimestres (%) por segmentos de atividade econômica – Distrito Federal – Variação do período ante mesmo período do ano anterior – 2T2020



¹ Extrativa mineral e Eletricidade, gás, água, esgoto e limpeza urbana.

² Informação e Comunicação; Alojamento e alimentação; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Educação e saúde mercantis; e Serviços domésticos; Transporte, armazenagem e correio e Atividades imobiliárias.

Fonte: Codeplan. Elaboração: GECON/DIEPS/CODEPLAN

O panorama descrito pelo Idecon-DF evidencia que a pandemia do novo coronavírus teve importante papel na desaceleração do ritmo de atividade da economia local mesmo após a reabertura dos estabelecimentos comerciais da região, afetando negativamente os segmentos dedicados ao fornecimento de bens e serviços considerados não essenciais para a população. Em contrapartida, a Agropecuária, dedicada principalmente à produção de alimentos, experimentou alta. Os percentuais negativos, no entanto, eram esperados pelos agentes econômicos dada a relevância do impacto da crise de saúde sobre a economia local, nacional e até internacional.

Para auxiliar o entendimento dos resultados no trimestre, analisa-se, em seguida, indicadores conjunturais sobre o comércio e o setor de serviços não financeiros, bem como de parâmetros auxiliares de crédito e comércio exterior.

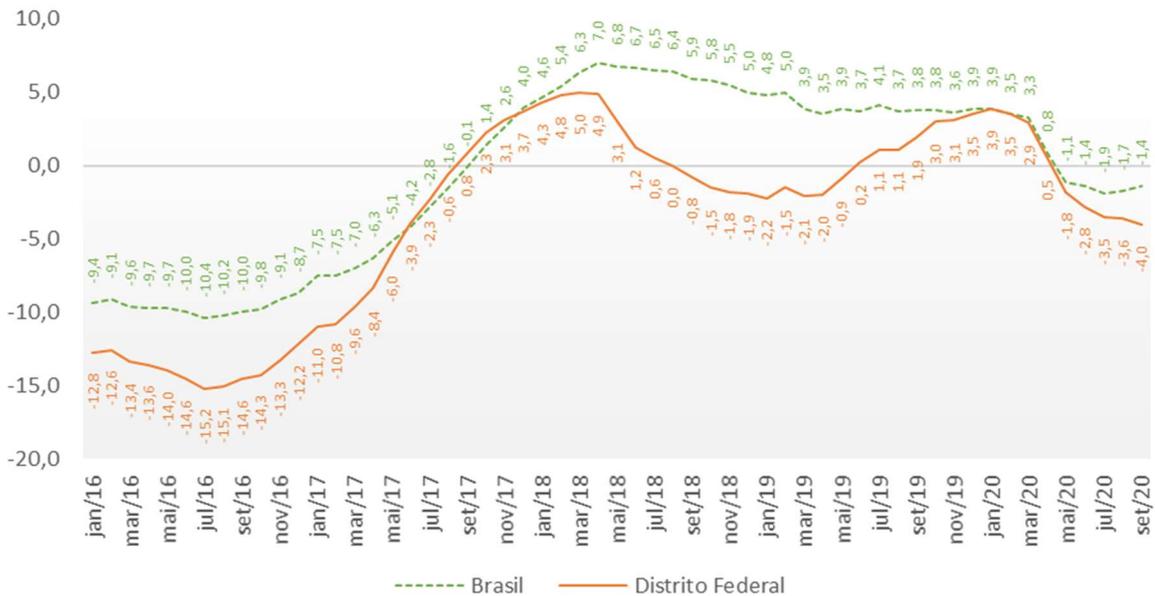
3. Comércio

Os meses de julho a setembro de 2020 foram marcados pelo início do relaxamento das medidas de restrição ao funcionamento das atividades comerciais na capital federal. Assim, a trajetória de retração de diversos indicadores econômicos observada ao longo do primeiro semestre do ano se amenizou, fazendo com que o Distrito Federal registrasse uma redução de 6,1% no comércio varejista ampliado na variação no acumulado no ano em setembro, ante um resultado de -10,6% nos primeiros seis meses de 2020. Esse percentual, divulgado pela Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) do IBGE, é menor que a média nacional (-2,6%) para o período.

O resultado, embora menos negativo do que o realizado até o fim do trimestre anterior, ainda é bastante negativo. No acumulado em 12 meses, o DF observou uma queda de 4,0% no volume de comércio local. Isso reflete não apenas na redução das vendas pelo fechamento de lojas e estabelecimentos, mas também a perda do poder de compra da população diante do período prolongado de desemprego alto na região.

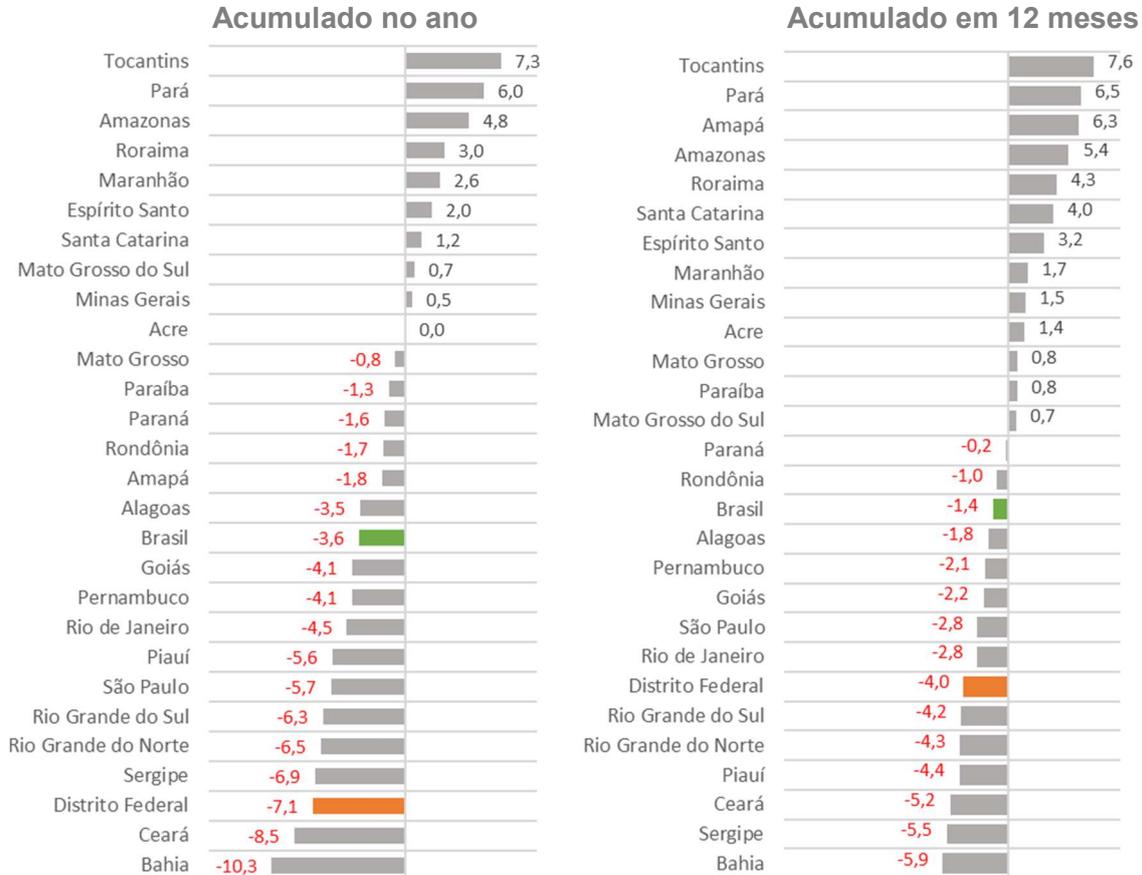
Como mostrado no Gráfico 5, essa tendência é semelhante a nacional, porém com intensidade mais elevada. Isso porque a retração percebida pelo Distrito Federal nas atividades classificadas como comércio varejista ampliado entre outubro de 2019 e setembro de 2020 contra igual período do ano anterior ficou 2,6 p.p. abaixo da observada a nível nacional. Uma possível explicação para esse comportamento é que as medidas de restrição foram adotadas em momentos e intensidades distintos pelas UFs, de forma que houve uma compensação entre o desempenho do comércio nos estados com suspensão das atividades comerciais e aqueles que ainda não haviam adotado ações dessa natureza ou que já haviam iniciado seu processo de liberalização.

Gráfico 5 - Variação acumulada em 12 meses do volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado - (%) - Brasil e Distrito Federal - janeiro de 2016 a setembro de 2020



Fonte: IBGE. Elaboração: Gecon/Dieps/Codeplan.

Gráfico 6 – PMC: Volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado – Variação acumulada no ano (esquerda) e em 12 meses (direta) – (%) – Brasil e Unidades Federativas – setembro de 2020



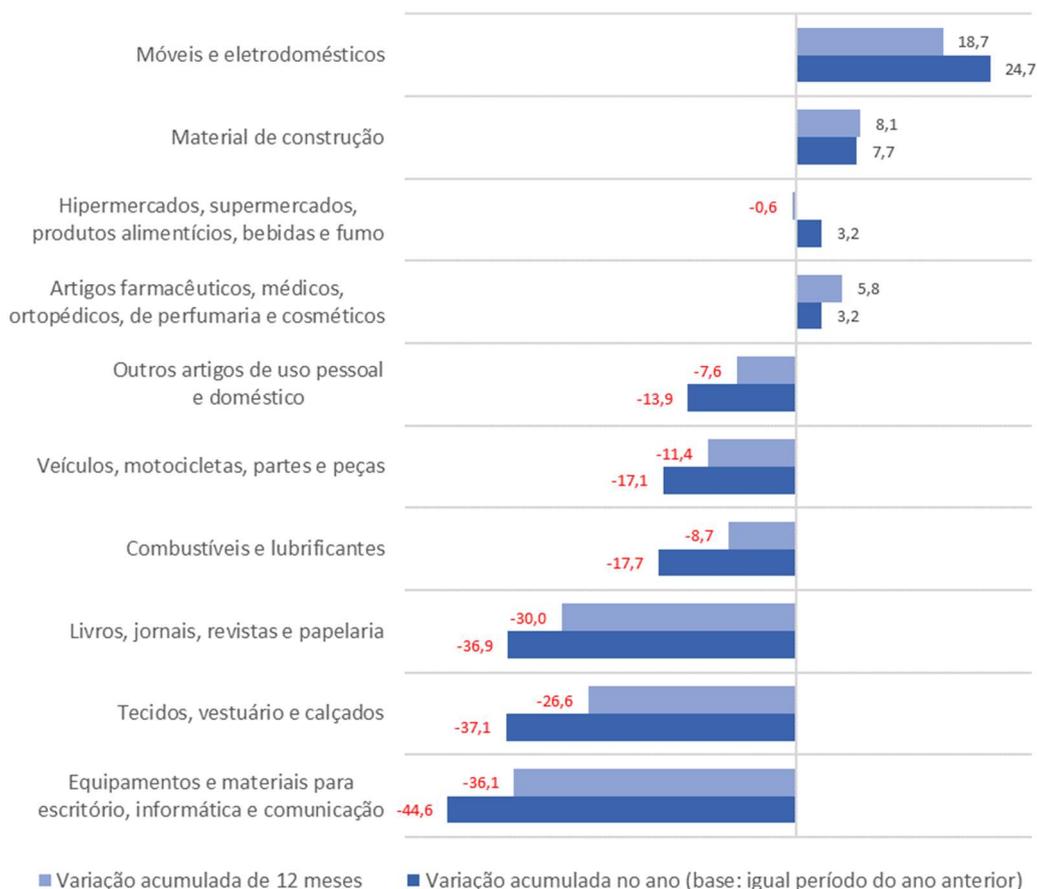
Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

No acumulado do ano, o Distrito Federal é a terceira Unidade da Federação (UF) com a maior variação negativa em 2020, ficando atrás de Ceará e da Bahia. Já no acumulado em 12 meses, a capital nacional apresenta a sétima maior variação negativa.

Quando os segmentos são analisados separadamente, é possível perceber alguns que fogem do desempenho insatisfatório do comércio agregado. Afinal, as medidas e restrições adotadas no combate ao novo coronavírus não foram iguais para os diferentes tipos de comércio, impactando mais duramente aqueles com alto potencial de gerar aglomerações e menos aqueles que comercializam produtos essenciais ou possuem um atendimento mais individualizado.

Além disso, os regimes de teletrabalho e o isolamento social adotados por parte da população fez com as pessoas ficassem mais em casa e, conseqüentemente, se preocupassem em tornar seu confinamento mais confortável. Isso fica claro observando o Gráfico 7, onde *Móveis e eletrodomésticos* e *Material de construção* – insumo para reformas e pequenos consertos – apresentaram crescimentos no volume de comércio acumulado entre janeiro e setembro de 24,7% e 7,7%, respectivamente.

Gráfico 7 - Variação do volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado por segmentos – Variação acumulada no ano e em 12 meses – (%) – Distrito Federal – setembro de 2020



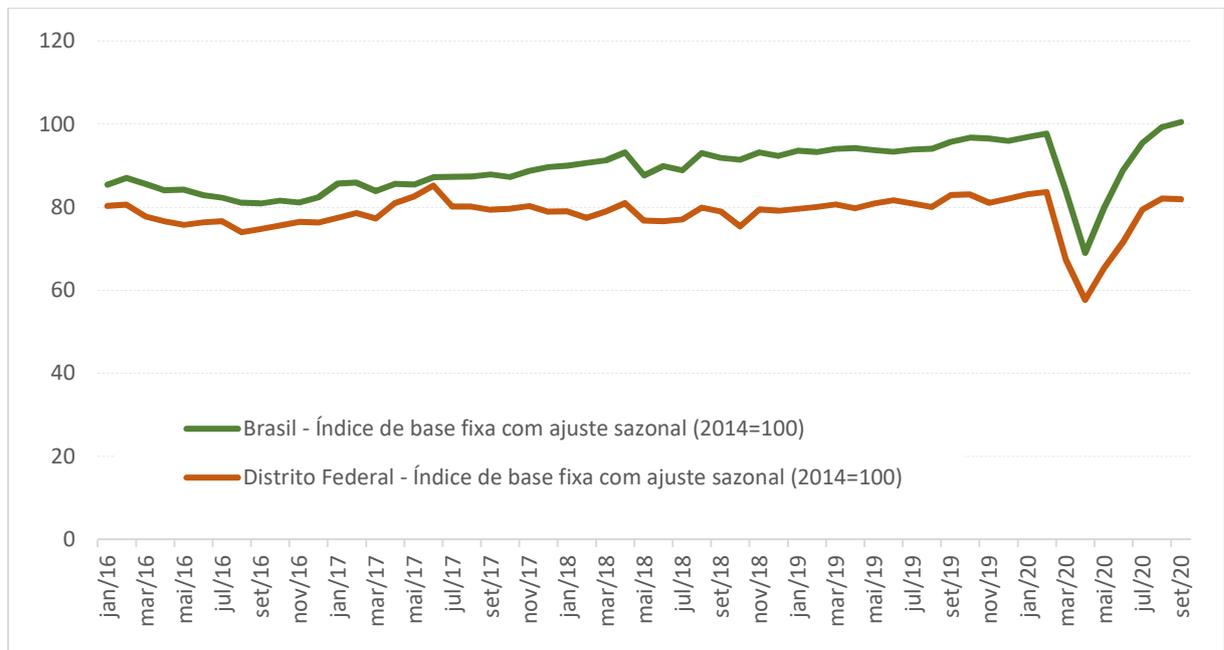
Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Os *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*, dada sua natureza essencial, também mantiveram variações positivas no ano, com ambos apresentando crescimento de 3,2%.

Em contrapartida, os seis demais segmentos pesquisados pelo IBGE sofreram perdas de volume de vendas significativas ao longo de 2020. O destaque é dado aos *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação*, que registraram uma contração de 44,6%.

Tecidos, vestuário e calçados (-37,1%), Veículos, motocicletas, partes e peças (-17,1%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-13,9%) são segmentos que tiveram seu volume de venda comprimido, majoritariamente, pela combinação de queda na demanda e fechamento dos estabelecimentos ao longo de 2020. *Livros, jornais, revistas e papelaria* apresentaram uma redução de 36,9%, enquanto, no caso de *Combustíveis e lubrificantes (-17,7%)*, pesou também a redução do número de deslocamentos de veículos. Dessa forma, fica evidente que a pandemia impulsionou o comércio de produtos considerados essenciais e de uso domiciliar, mas prejudicou o desempenho dos demais. De uma maneira geral, o volume de comércio já está bem próximo ao nível pré-crise, o que denota que a pandemia teve um efeito significativo, porém momentâneo, sobre a economia local (Gráfico 8).

Gráfico 8 - Variação do volume de vendas no Comércio Varejista Ampliado – Índice de base fixa com ajuste sazonal (média 2014 = 100) – Brasil e Distrito Federal – janeiro de 2016 a setembro de 2020



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

4. Serviços

O volume de serviços oferecidos na capital do país, em queda desde o início de 2019, teve seus resultados negativos agravados pela pandemia. As restrições impostas ao funcionamento dos estabelecimentos comerciais e o isolamento social fizeram com que, no período de 12 meses findos em setembro de 2020, o segmento de serviços acumulasse uma queda de 7,5% de acordo com a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), também divulgada pelo IBGE (Gráfico 8). Similarmente ao comportamento da PMC, a retração observada na PMS perdeu intensidade no terceiro trimestre do ano, mas não o suficiente para reverter a trajetória recente do indicador.

Ainda de acordo com o Gráfico 9, é possível perceber que o nível de atividade dos serviços no Distrito Federal encontra-se abaixo do comportamento médio do país, retratado pelo volume de serviços calculado para o Brasil (-6,0%) e que essa situação não é recente, mantendo-se desde meados de 2019. A diferença entre os resultados distrital e nacional, no entanto, diminuiu ao longo do ano.

Gráfico 9 – Variação acumulada em 12 meses do volume de serviços – (%) – Brasil e Distrito Federal – janeiro de 2016 a setembro de 2020

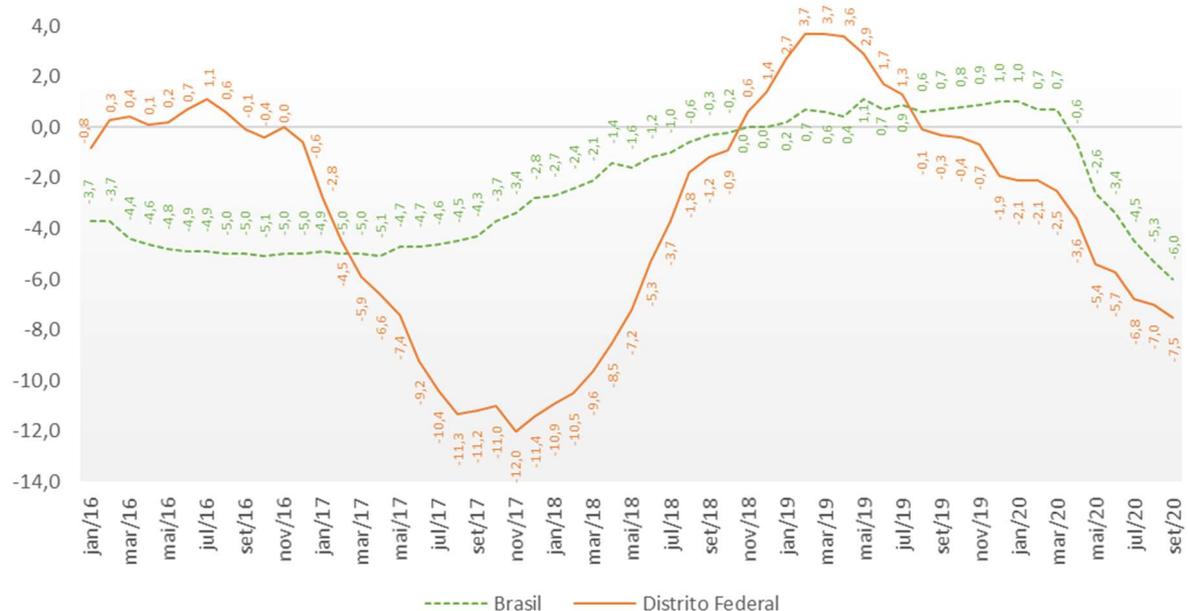
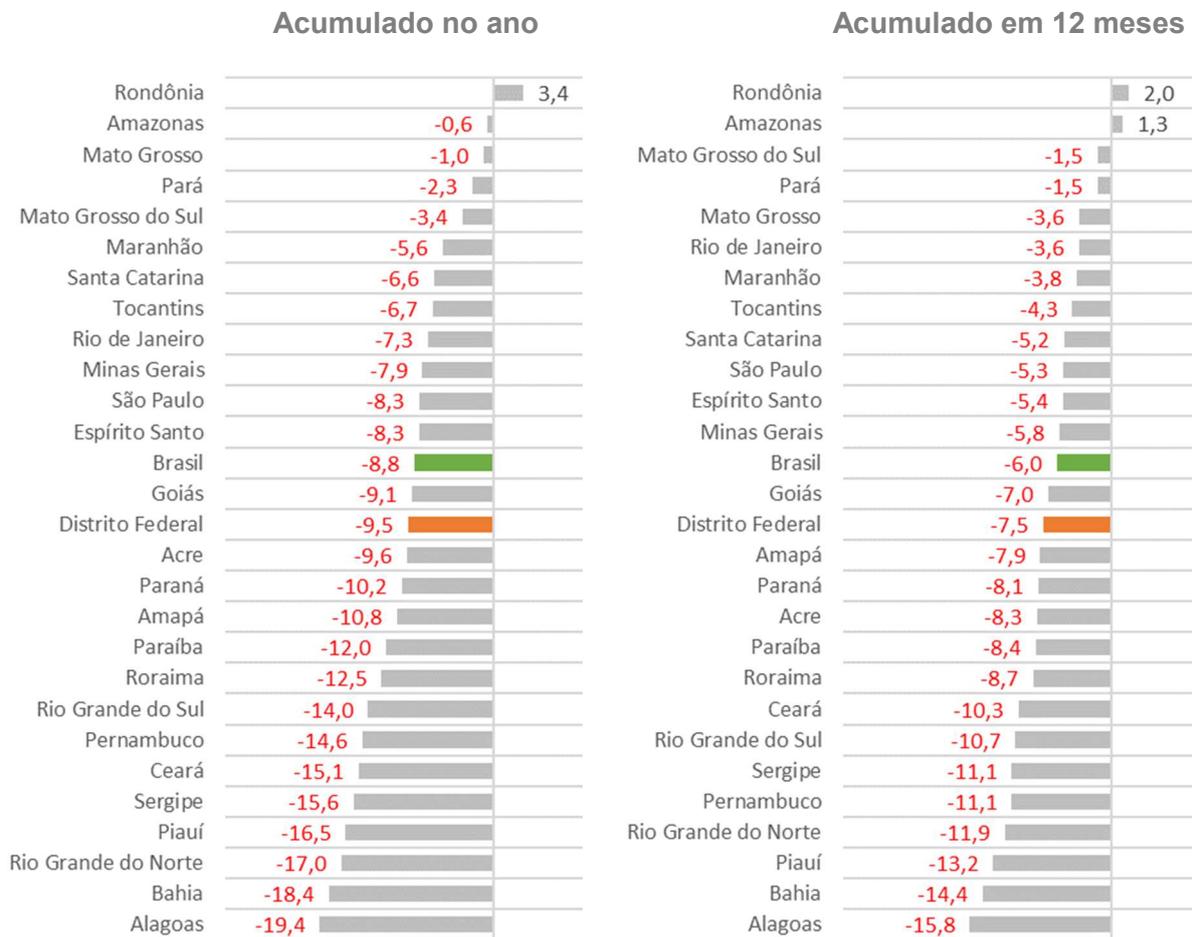


Gráfico 10 – PMS: Volume de Serviços – Variação acumulada no ano (esquerda) e em 12 meses (direita) – (%) – Brasil e Unidades Federativas – setembro de 2020



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Para uma análise mais detalhada dos motivadores dessa significativa queda no volume de serviços na capital federal, é preciso avaliar o impacto sobre cada grupo de serviço prestado no mercado local. No Gráfico 10, fica claro que as categorias de *Serviços prestados às famílias* e de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* foram decisivas para o baixo desempenho do setor de serviços na região.

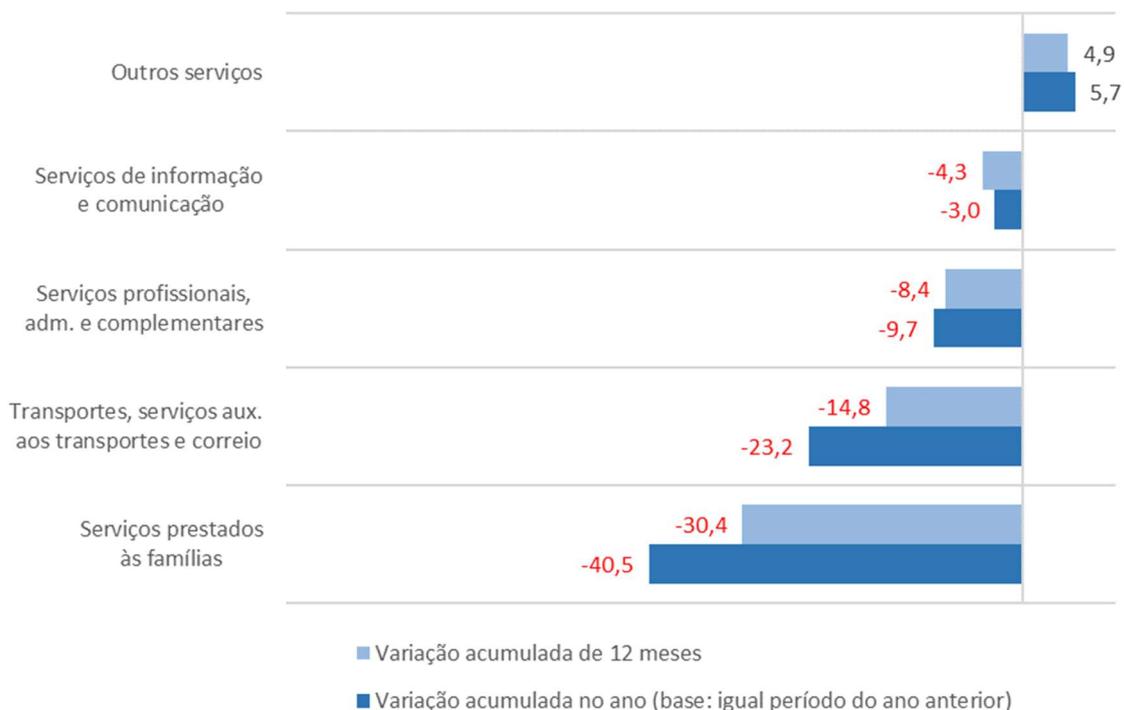
Os *Serviços prestados às famílias*, especificamente, obtiveram o pior resultado para o indicador acumulado no ano até setembro desde o início da série disponibilizada pelo IBGE em 2012, com retração de 40,5% (Gráfico 11). Essa categoria compreende serviços de alojamento (hotéis, albergues, pousadas), de alimentação (self-services, restaurantes, pizzarias, *food trucks*, *buffets*, etc.), e por serviços mais gerais como academias, teatros, eventos culturais e esportivos, casas de cultura, entre outros, e foi a mais impactada pela pandemia.

Justamente pelas características intrínsecas às atividades desempenhadas, esse grupo de serviços foi impedido de manter a sua rotina normal, tendo tido sua capacidade de atendimento regulada e reduzida a fim de minimizar a continuidade da disseminação da Covid-19. Esse funcionamento restrito perdurou pela totalidade do terceiro trimestre do ano, contribuindo para o resultado descrito acima.

No que se refere aos *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio*, a retração acumulada no ano foi de 23,2%, refletindo, em parte, a permanência maior das pessoas em suas casas. Seja pela instituição do regime de teletrabalho, pelo respeito ao isolamento social, pela restrição de circulação entre cidades, estados e países ou simplesmente pela falta de confiança em frequentar estabelecimentos comerciais e locais públicos de convívio dos indivíduos, houve uma brusca redução das necessidades de deslocamento, impactando a demanda pelo serviço de transporte e, conseqüentemente, afetando toda a cadeia envolvida.

A única categoria que sustentou um resultado positivo no ano de 2020 é a de *Outros serviços* com um crescimento acumulado de 5,7% no acumulado do ano até setembro. Contudo, esse grupo reúne atividades bastante distintas e, dada a impossibilidade de um maior detalhamento, não é possível fazer uma inferência sobre o que está motivando essa alta.

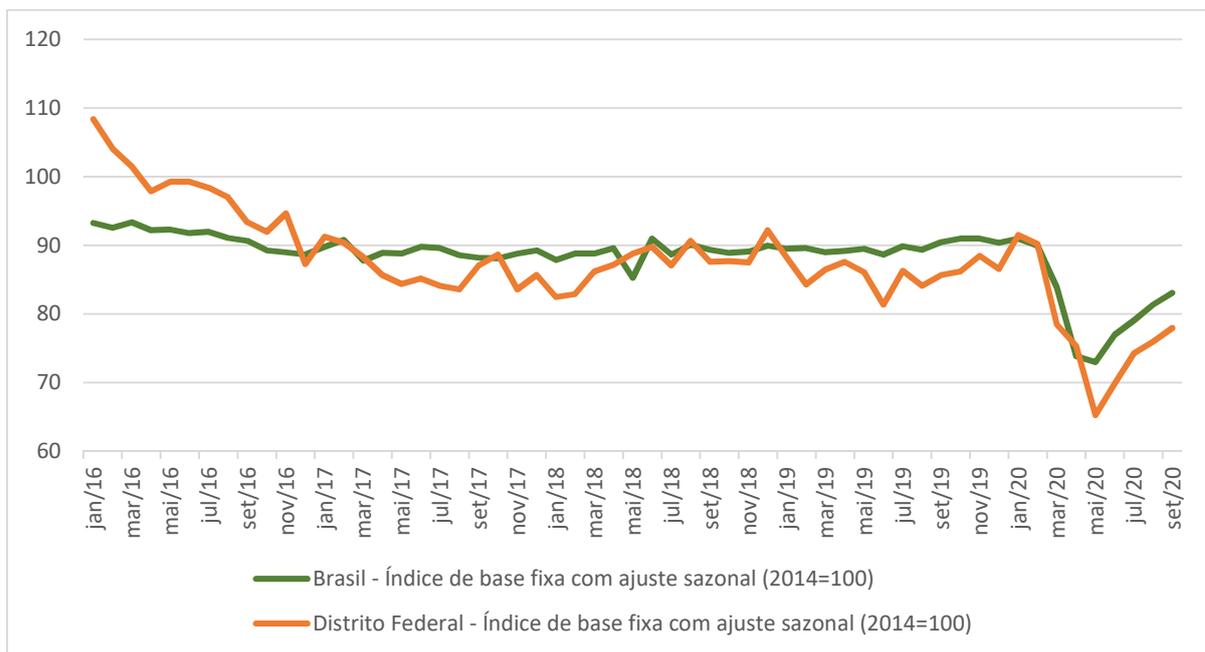
Gráfico 11 – PMS: Volume de Serviços – Variação acumulada no ano e em 12 meses – (%) – Segmentos de Serviços – Distrito Federal – Setembro de 2020



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Novamente, é factível afirmar que a pandemia é o principal fator conjuntural que está influenciando o comportamento da demanda do Distrito Federal por serviços. Com o gradual retorno da confiança da população em frequentar estabelecimentos comerciais, há uma tendência de uma melhora dos indicadores da PMS para a região. Assim como no comércio, o volume de serviços prestados recuperou-se significativamente, porém o desempenho dessa atividade não foi suficiente para retornar ao patamar observado antes da pandemia (Gráfico 12).

Gráfico 12 - Variação do volume de serviços – Índice de base fixa com ajuste sazonal (média 2014 = 100) – Brasil e Distrito Federal – janeiro de 2016 a setembro de 2020

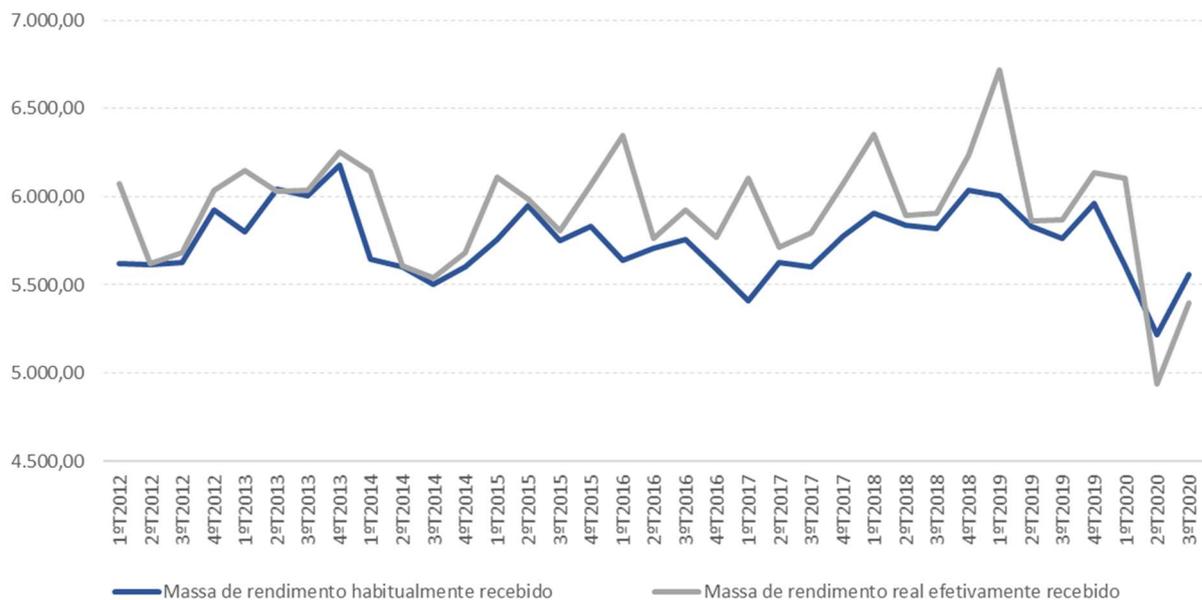


Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

5. Indicadores auxiliares

Um contraste positivo às retrações observadas no comércio e nos serviços locais vem da massa de rendimentos do Distrito Federal, que apontou indícios de recuperação no terceiro trimestre de 2020. Após os primeiros meses de reabertura das atividades comerciais da região, a massa de rendimentos real efetivamente recebida cresceu 9,25% no terceiro trimestre do ano em relação ao trimestre anterior, revertendo parte da contração verificada no primeiro semestre de 2020 e atingindo o valor de R\$ 5.398 milhões (Gráfico 13).

Gráfico 13 – PNADC Trimestral: Massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente e efetivamente recebidos no mês de referência – (Milhões de Reais) – Distrito Federal – 1T2012 a 3T2020



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

O comportamento da massa salarial demonstra uma clara recuperação do potencial de consumo das famílias locais. Devido à incerteza econômica vivenciada atualmente, os indivíduos tendem a conter seus gastos e a poupar, mas uma recuperação sustentada de seus rendimentos é um passo essencial para a retomada da demanda local. O governo federal também adotou medidas para tentar recompor uma parcela da receita das famílias, como a concessão do auxílio emergencial, que representa uma transferência de renda direta às pessoas e, conseqüentemente, uma complementação do valor disponível para as despesas mensais das famílias.

De acordo com o IBGE, em setembro de 2020, cerca de 32,9% dos domicílios do Distrito Federal receberam auxílio emergencial. O percentual é semelhante ao observado em junho, de 32,8%, embora o valor médio do benefício por domicílio tenha crescido 9,4% (passando de R\$ 849 em julho para R\$ 929 em setembro)⁶. Adicionalmente, o Governo do Distrito Federal (GDF) implementou o Programa Renda Mínima Temporário⁷ que prevê a concessão de R\$ 408,00 àqueles indivíduos não contemplados em nenhum outro programa social federal ou distrital.

⁶ Resultados da PNAD COVID19 do IBGE.

⁷ O Programa Renda Mínima Temporário foi criado no âmbito das medidas do GDF de enfrentamento ao novo coronavírus. Entre os critérios a serem cumpridos pelos beneficiários estão: residir no DF e não serem atendidos por programas como Bolsa Família, DF Sem Miséria, Bolsa Alfa, Benefício de Prestação Continuada ou pelo Auxílio Emergencial, previsto na Lei Federal 13.982, de 2 de abril de 2020.

De certa forma, os recursos transferidos às famílias do DF ajudaram a manter o consumo mínimo de bens e serviços e, assim, auxiliaram os indicadores da PMS e da PMC a não terem sido ainda piores do que os verificados. Importante mencionar que os resultados das pesquisas de comércio e serviços para a capital parecem confirmar a suspeita de que esses recursos adicionais foram investidos, principalmente, para a compra de bens essenciais e de uso no domicílio.

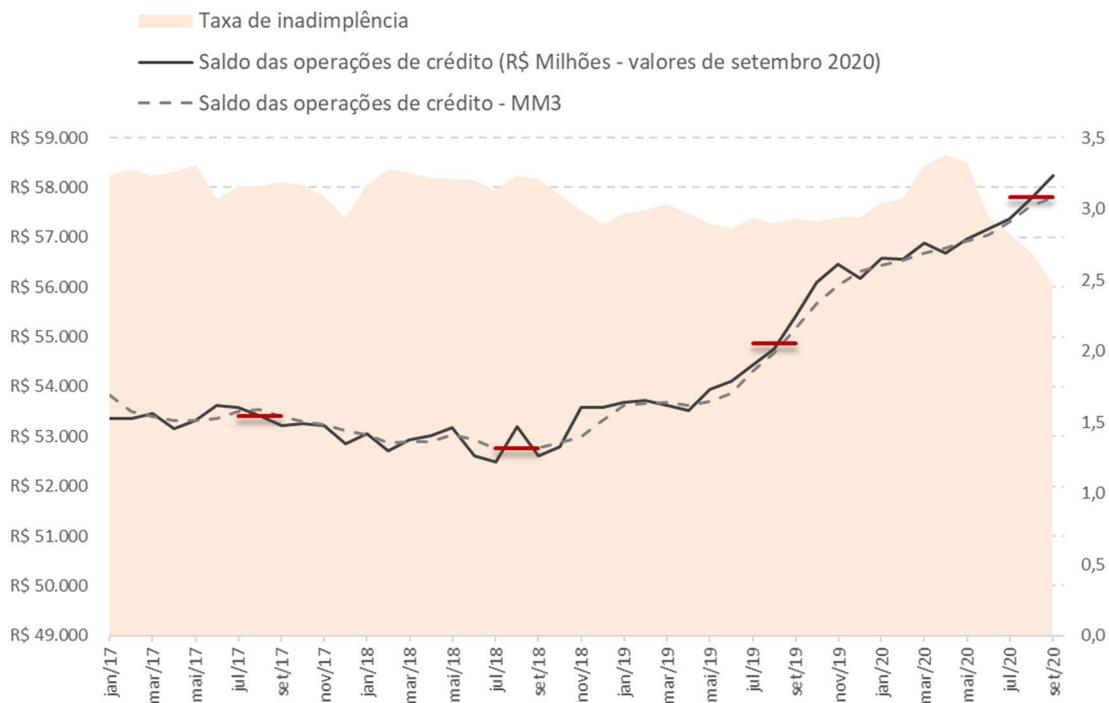
Outra importante medida de auxílio federal foram as consecutivas reduções da taxa Selic, a taxa básica de juros brasileira, que derrubaram a meta para 2,00% no 3º trimestre de 2020. Com isso, o Banco Central consegue reduzir o custo de contratação de crédito seja para pessoas físicas, ou para pessoas jurídicas, que podem utilizá-lo para realizar investimentos e financiar o capital de giro para manter as empresas funcionando.

No tocante aos indivíduos, é possível acompanhar a evolução do saldo de crédito concedido a pessoas físicas no Distrito Federal em valores reais. Conforme apresentado no Gráfico 14, verifica-se que, no 3º trimestre de 2020, o saldo médio trimestral de crédito contratado foi de R\$ 57.801 milhões, o que significa um aumento de 5,4% em relação aos R\$ 54.865 milhões contratados no 3º trimestre de 2019. A evolução representa um aumento de recursos circulando na economia local e, por isso, pode ser interpretada como uma expansão do potencial de consumo local.

A redução da taxa de inadimplência também é um importante indicador da saúde financeira das famílias, sinalizando que, apesar da alta na contratação de crédito, elas estão conseguindo saldar suas dívidas e, portanto, não estão comprometendo a sua renda e o seu consumo futuro. No 3º trimestre de 2020, o montante da dívida em aberto no Distrito Federal caiu de 2,82%, em julho, para 2,47% em setembro. Cabe mencionar que é possível que os benefícios concedidos pelas autoridades federal e distrital podem ter influenciado essa queda no número de inadimplentes, além da expansão observada na massa de rendimentos local, por terem proporcionado meios monetários para as famílias saldarem suas contas não pagas.

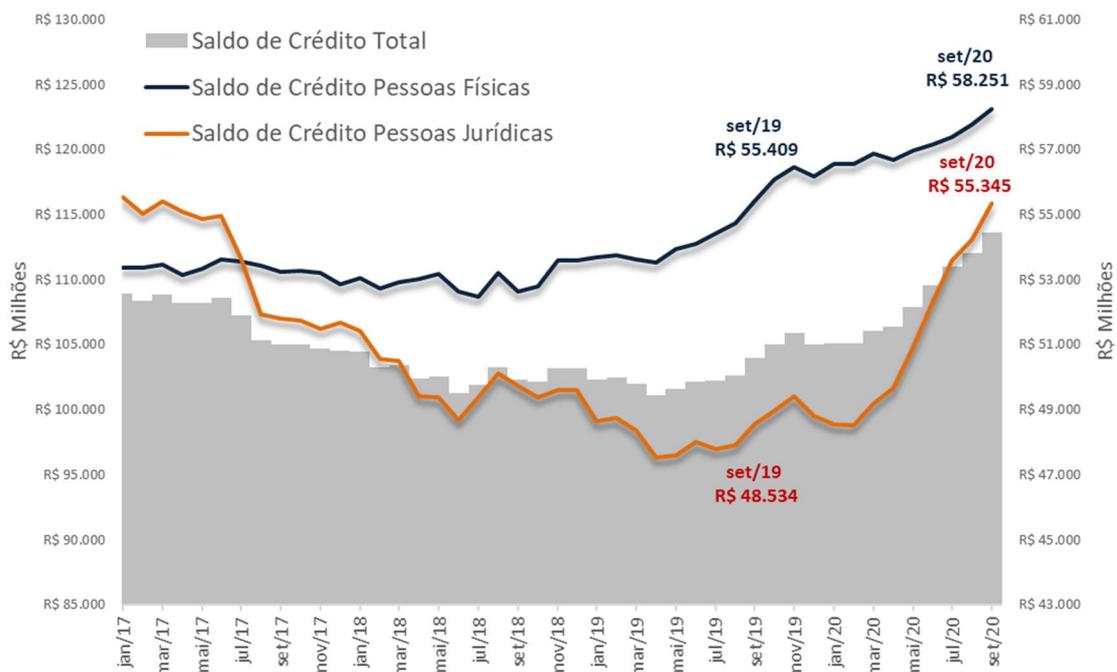
Em relação a pessoas jurídicas, a tendência recente é de crescimento da captação de crédito pelas empresas. No 3º trimestre de 2020, a média de saldo concedido às pessoas jurídicas foi de R\$ 54,39 bilhões, apresentando um crescimento real de 6,7% em relação aos R\$ 50,98 bilhões contratados no 2º trimestre de 2020 e de 13,1% frente ao 3º trimestre de 2019 (Gráfico 15).

Gráfico 14 - Saldo de crédito a pessoas físicas (R\$ valores a preços de setembro de 2020) e taxa de inadimplência de pessoas físicas (%) – janeiro de 2017 a setembro de 2020 – Distrito Federal



Fonte: BCB. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

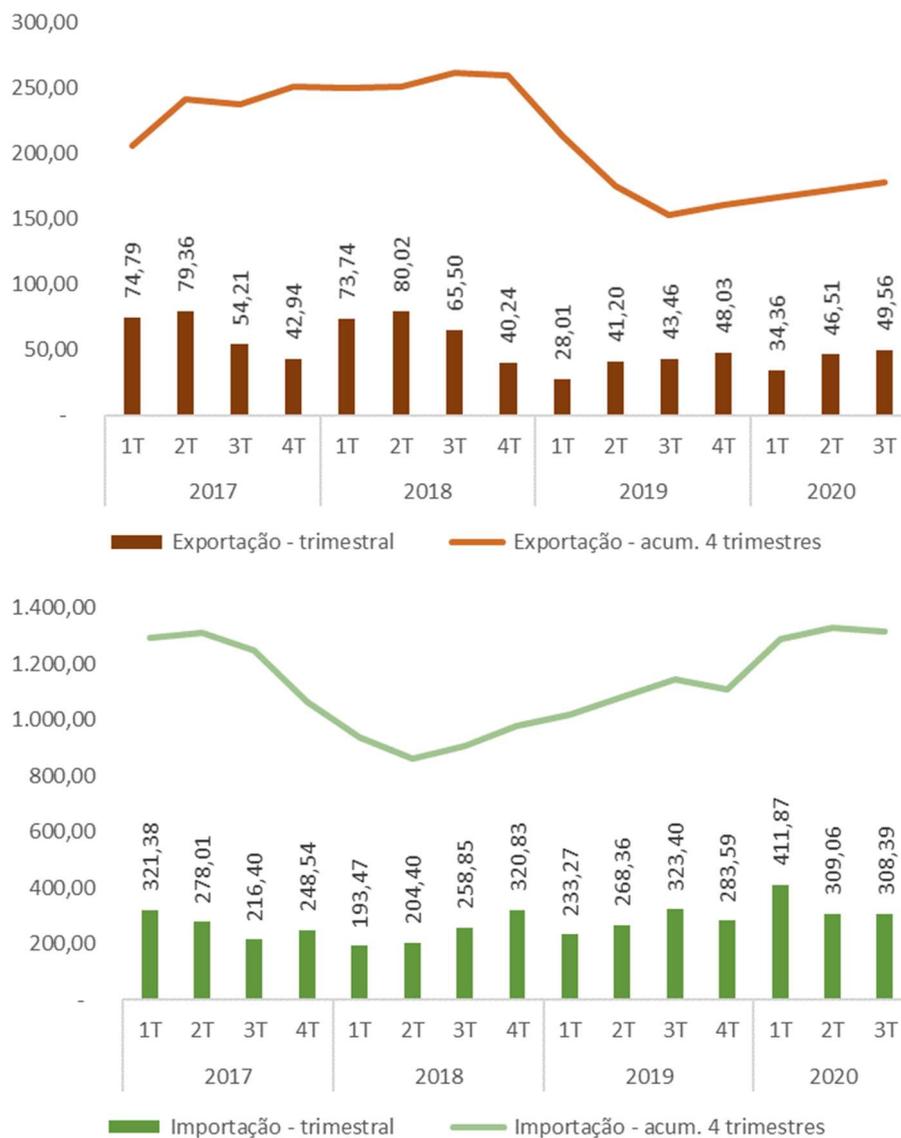
Gráfico 15 - Saldo das operações de crédito (R\$ valores a preços de julho de 2020) – pessoas físicas e pessoas jurídicas – janeiro de 2017 a setembro de 2020 – Distrito Federal



Fonte: BCB. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Outro termômetro do nível de atividade local é o volume de trocas entre a economia do Distrito Federal e a de outros países, onde as exportações complementam as informações sobre a produção local e as importações são indicativos adicionais sobre o nível de consumo do mercado da região. Os números agregados do comércio exterior para o DF estão apresentados no Gráfico 16.

Gráfico 16 – Comércio exterior: Evolução do valor de exportações e importações – Distrito Federal – 1T16 a 3T20 – US\$ milhões FOB

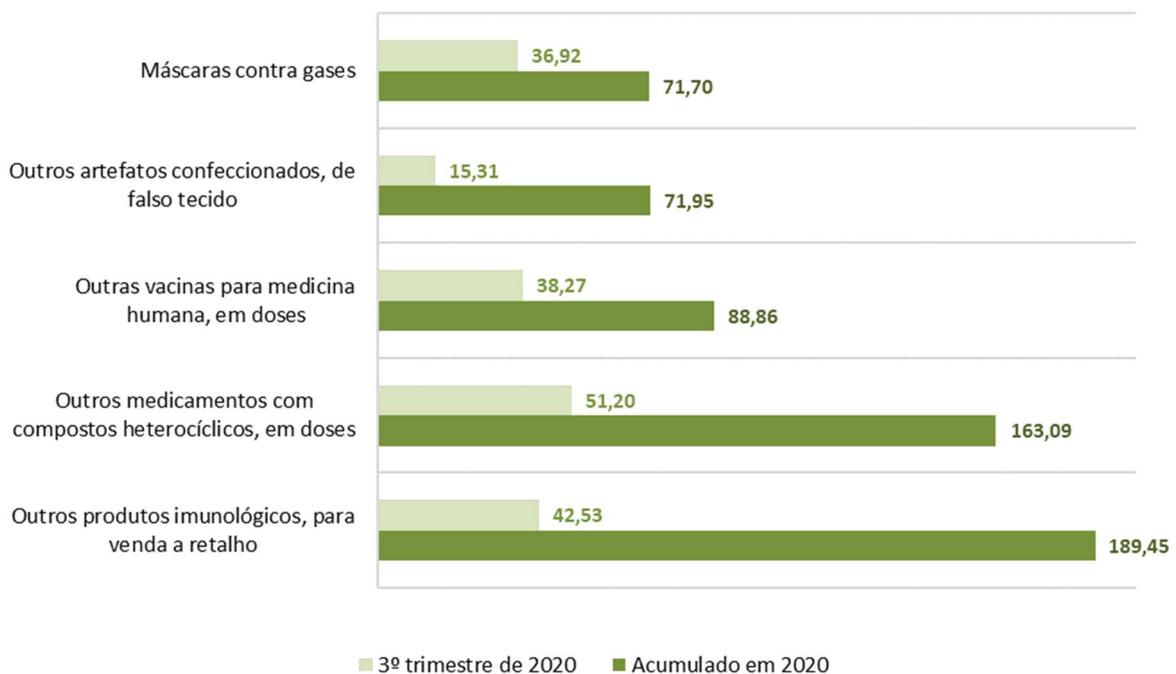


Fonte: Comex-Stat/Ministério da Economia. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

No que se refere às importações, verificou-se uma estabilidade do valor adquirido em produtos de origem estrangeira entre o terceiro trimestre e o trimestre anterior, com variação de -0,22%. Em relação ao 3º trimestre de 2019, houve uma queda de 4,64%. O valor total importado no período foi de US\$ 308,39 milhões. Para entender a importância desse valor frente às exportações locais (US\$ 49,56 milhões), é necessário a composição da pauta da importação do Distrito Federal.

De acordo com o Gráfico 17, os cinco principais produtos adquiridos do mercado externo, que corresponderam à 56,84% de todo o valor importado no ano de 2020, correspondem a máscaras, medicamentos e vacinas. Na atual conjuntura de pandemia, esses produtos tiveram a sua demanda estimulada no intuito de tratar as pessoas infectadas pelo novo coronavírus e proteger funcionários da saúde pública. Além disso, cabe lembrar que a aquisição desses fármacos pelo governo federal é concentrada e registrada no DF, mesmo que eles sejam destinados ao abastecimento de outros estados.

Gráfico 17 – Comércio exterior: Importações – Principais posições do Distrito Federal, por NCM – Resultado do 3º trimestre de 2020 e acumulado no ano – US\$ milhões FOB



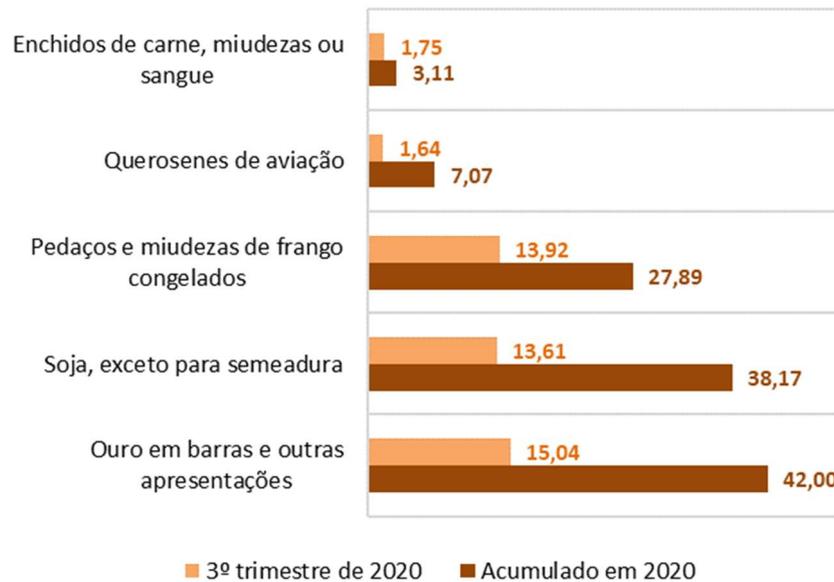
Fonte: Comex-Stat/Ministério da Economia. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Já as exportações do 3º trimestre de 2020 sofreram uma alta de 6,55% ante o resultado do 2º trimestre e de 14,02% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse comportamento reflete, principalmente, a comercialização dos cinco produtos que concentram 90,65% do valor total transacionado ao longo do ano e que estão discriminados no Gráfico 18.

A variação trimestral foi impulsionada pelo envio de US\$ 13,92 milhões em *Pedaços e miudezas de frango congelados* para o exterior, o que representa um aumento de US\$ 4,62 milhões (49,7%) em relação ao segundo trimestre de 2020. As exportações de *Ouro em barras e outras apresentações* (US\$ 2,69 milhões adicionais) também foram expressivas e ajudaram a superar a contração de R\$ 6,64 milhões nas exportações de *Soja, exceto para semeadura*.

No acumulado do ano, o destaque é conferido ao *Ouro em barras e outras apresentações*, cujas exportações foram responsáveis por um montante de US\$ 42,00 milhões até setembro de 2020.

Gráfico 18 – Comércio exterior: Exportações – Principais posições do Distrito Federal, por NCM – Resultado do 3º trimestre de 2020 e acumulado no ano – US\$ milhões FOB



Fonte: Comex-Stat/Ministério da Economia. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan.

Seção III

Análise de Preços

1. Sumário

O afrouxamento das restrições ao comércio e à prestação de serviços não essenciais contextualizou o comportamento dos preços no Distrito Federal no terceiro trimestre de 2020. Com a melhora do consumo das famílias, que responde mais rapidamente aos estímulos econômicos do que a oferta de bens e serviços, houve pressão sobre os preços, de forma que a inflação acumulada no período chegou a 1,29% pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). No acumulado em 12 meses, o índice registra variação de +2,81%, o que indica que o IPCA deve ficar próximo ao centro da meta (+4,0%) em 2020.

Os principais produtos que influenciaram a alta dos preços pertencem ao grupo de Transporte (+0,91 p.p.), refletindo o aumento significativo do preço da Gasolina (+13,13% e +0,78p.p.), e de Alimentação e bebidas (+0,34 p.p.), em resposta, principalmente, às contribuições positivas do Arroz e do Óleo de Soja, calculadas em +0,08 p.p. e +0,07 p.p., respectivamente. Em contrapartida, os grupos de Educação (-0,13 p.p.), Vestuário (-0,08 p.p.) e Despesas pessoais (-0,02 p.p.) colaboraram para que a inflação trimestral não fosse ainda maior.

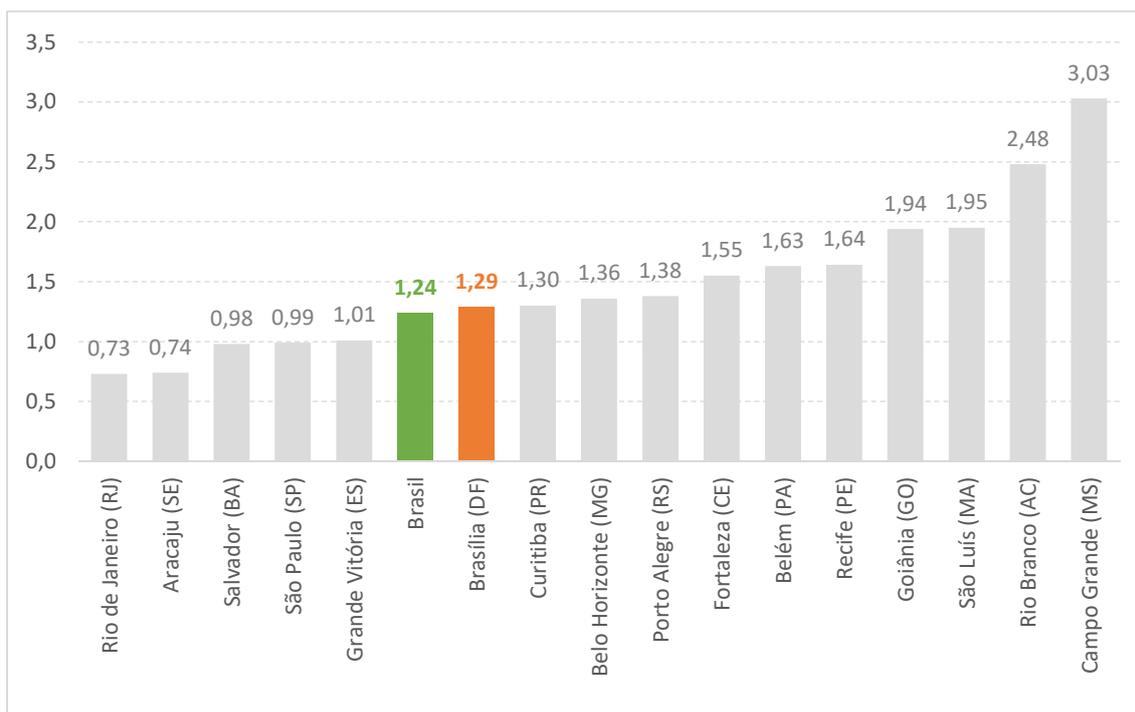
Pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), a inflação foi ainda mais intensa e calculada em 1,71% no terceiro trimestre. Isso se deve ao fato de as maiores variações terem sido registradas nos grupos de bens e serviços que têm maior participação na cesta de consumo das famílias de mais baixa renda.

O entendimento de como a alta dos preços dos gêneros alimentícios tem prejudicado o poder de compra da população da capital federal é reforçado a partir da análise da inflação da cesta básica da região. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o custo de aquisição da cesta básica no DF subiu 2,8% no terceiro trimestre de 2020 em relação ao mesmo período de 2019, além de consumir 42,7% do valor do salário mínimo praticado no ano corrente. Já o IPCA dos produtos que compõem a cesta mostra que a inflação foi de 16,06% entre janeiro e setembro de 2020.

2. Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA

A inflação do Distrito Federal acelerou significativamente no terceiro trimestre de 2020 e apresentou uma variação positiva de 1,29% no nível de preços mensurado pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) conforme mostrado no Gráfico 1. A capital federal é a quinta entre as áreas pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com o menor percentual registrado no período de referência. Ainda assim, o resultado foi suficiente para reverter a situação de deflação observada até o final do 2º trimestre e reflete, entre outros fatores, a retomada do consumo das famílias, seja pela redução das restrições impostas ao funcionamento dos estabelecimentos, seja pela melhora no nível de emprego, o que ajuda a recuperar o poder de compra dos indivíduos. No Brasil, a inflação trimestral alcançou 1,24% entre julho e setembro de 2020.

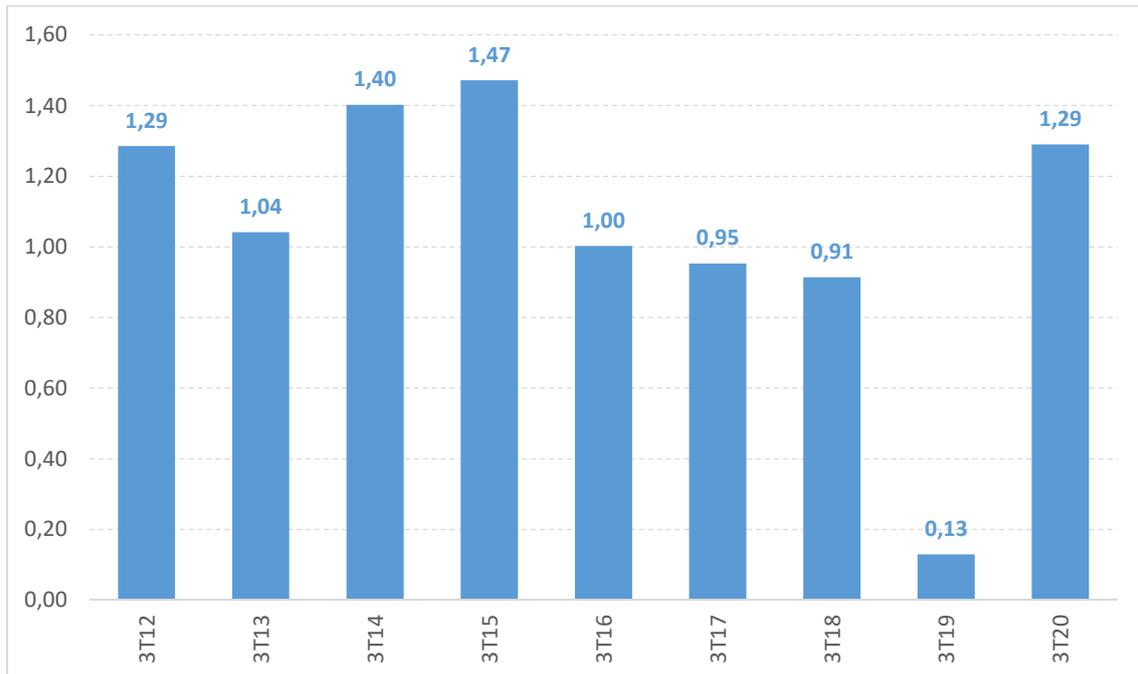
Gráfico 1 – IPCA: Variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – Brasil e regiões – terceiro trimestre de 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

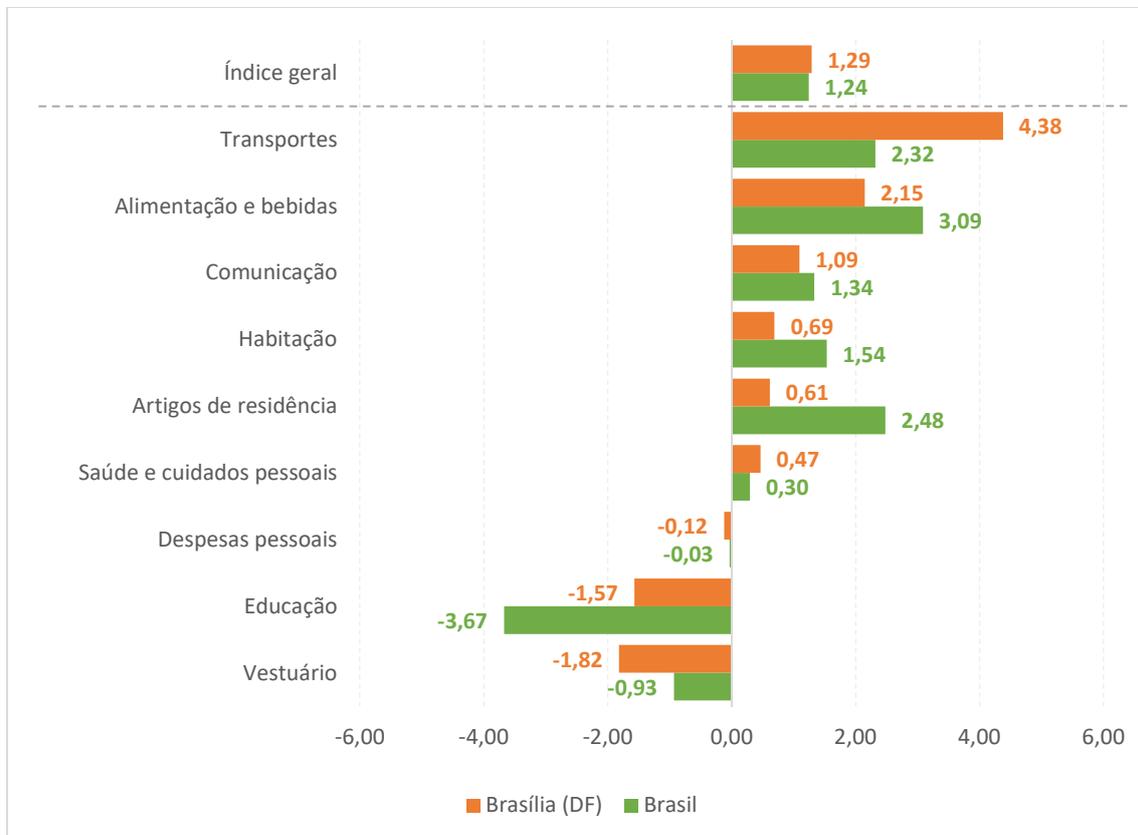
A análise do comportamento do nível de preços no mercado distrital desde 2012 revela que o terceiro trimestre de cada ano possui, tradicionalmente, uma característica inflacionária, o que indica um componente sazonal da inflação nesse período. Contudo, de acordo com o Gráfico 2, uma inflação tão expressiva para esse trimestre como a de 2020 não é observada desde 2015. Assim, é possível que haja, em parte, uma contribuição da demanda reprimida, assim como de um choque de oferta para reforçar a alta dos preços.

Gráfico 2 – IPCA: Variação acumulada no trimestre – Distrito Federal – terceiro trimestre de 2012 a terceiro trimestre de 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Gráfico 3 – IPCA: Variação acumulada no trimestre, por grandes grupos – Brasil e Distrito Federal – terceiro trimestre de 2020 - %

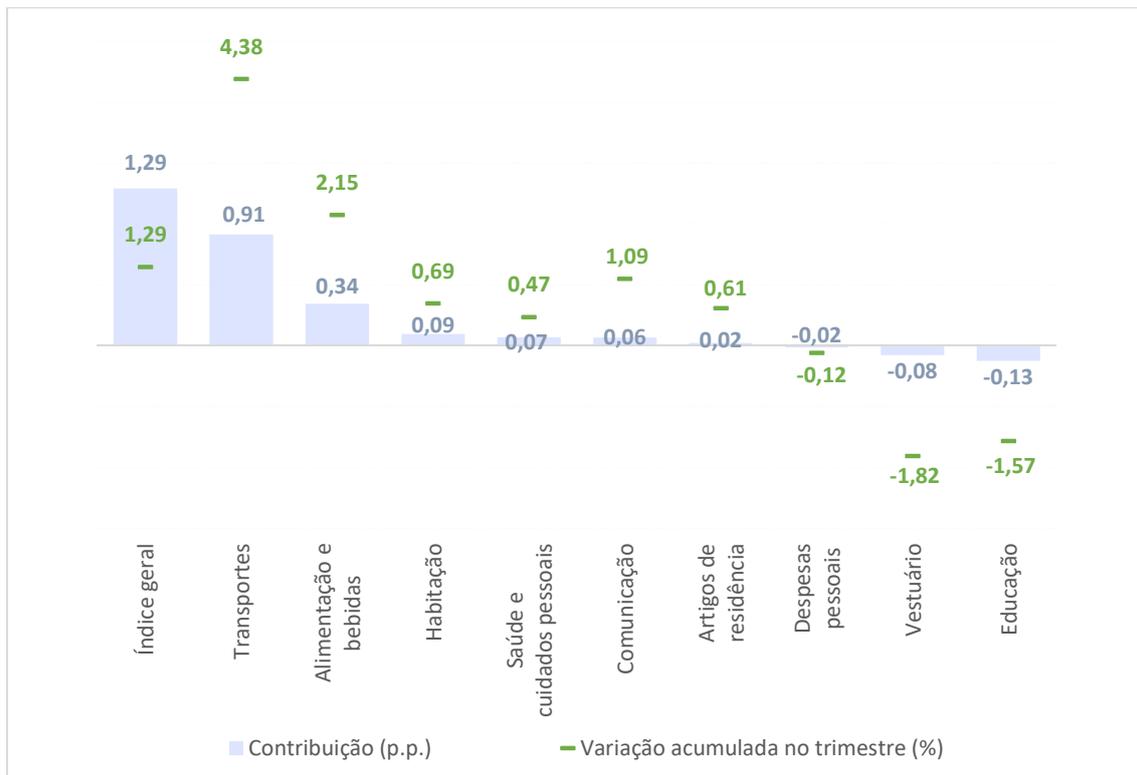


Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

A reação dos preços dentro dos grandes grupos de bens e serviços apresentou a mesma tendência tanto em nível distrital como em nível nacional com seis dos nove agrupamentos pesquisados constando inflação. No Distrito Federal, as maiores variações positivas do terceiro trimestre foram registradas pelos serviços de *Transporte* (+4,38%) e nos itens relacionados à *Alimentação e bebidas* (+2,15%) e *Comunicação* (+1,09%), enquanto as negativas ficaram a cargo de *Vestuário* (-1,82%), *Educação* (-1,57%) e *Despesas pessoais* (-0,12%) (Gráfico 3).

Para avaliar de uma forma mais acurada quais os grupos influenciaram o resultado da inflação do período, é preciso considerar o peso que possui cada um deles na cesta de consumo do Distrito Federal. Dessa forma, ao considerar a contribuição individual desses agrupamentos para o índice geral, verifica-se que o *Transporte* (+0,91 p.p.) e *Alimentação e bebidas* (+0,34 p.p.) permanecem como os grandes influenciadores da alta dos preços mensurada pelo IPCA no trimestre de referência, enquanto a *Comunicação* (+0,06 p.p.) cede seu lugar para o grupo de produtos de *Habitação* (+0,09 p.p.), por esses itens terem maior representatividade nos gastos das famílias da capital federal (Gráfico 04).

Gráfico 4 – IPCA: Contribuição e variação dos grandes grupos de bens e serviços para a inflação – Distrito Federal – terceiro trimestre de 2020 – p.p. e %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

No que se refere aos grupos que colaboraram para que a inflação do período não fosse ainda mais alta, *Educação* (-0,13 p.p.) passa a ser o destaque dada a sua participação no consumo local, seguida por *Vestuário* (-0,08 p.p.) e *Despesas pessoais* (-0,12 p.p.). O comportamento dos preços dos grandes grupos é mais facilmente entendido quando se detalha a contribuição dos subitens que os compõem.

Ao analisar a Tabela 1, nota-se que a *Gasolina*, que apresentou uma inflação de 13,13% e uma contribuição de +0,78 p.p. para o índice geral no terceiro trimestre de 2020, foi a principal responsável para a alta nos *Transportes*. A sua variação está atrelada, entre outros fatores, ao aumento da cotação do barril do petróleo no mercado internacional, à desvalorização do Real frente ao Dólar e ao aumento de 9,43% no período do custo do Etanol, que é misturado ao combustível antes de ser comercializado ao consumidor final. O desempenho agregado do grupo também conta com a colaboração positiva do aumento dos preços de Automóvel novo (+0,09 p.p.) e negativa do Seguro voluntário de veículo (-0,04 p.p.).

Tabela 1 – IPCA: Subitens com as maiores (azul) e menores (laranja) contribuições no trimestre e suas variações e contribuições para o índice – Distrito Federal – terceiro trimestre de 2020 - % e p.p.

Subitens do IPCA	Variação (%)	Contribuição (p.p.)
Gasolina	13,13	0,78
Automóvel novo	1,99	0,09
Arroz	27,53	0,08
Óleo de soja	55,13	0,07
Aluguel residencial	1,45	0,06
Seguro voluntário de veículo	-2,63	-0,04
Cebola	-39,19	-0,05
Batata-inglesa	-41,76	-0,06
Plano de saúde	-1,07	-0,06
Ensino superior	-3,84	-0,08

Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Entre os gêneros alimentícios, destacam-se, no trimestre, as contribuições positivas do *Arroz* e do *Óleo de Soja*, calculadas em +0,08 p.p. e +0,07 p.p. respectivamente, e os decréscimos induzidos pela *Batata-inglesa* (-0,06 p.p.) e pela *Cebola* (-0,05 p.p.). Para os itens que apresentaram inflação, a desvalorização cambial com seu subsequente incentivo às exportações interpretou um papel importante para promover uma restrição da oferta desses produtos no mercado brasileiro. Importante mencionar que a inflação sobre esses itens pesa mais para a parcela da população de baixa renda e, por isso, algumas iniciativas, tais como a eliminação do imposto de importação⁸ foram adotadas para tentar controlar esse movimento.

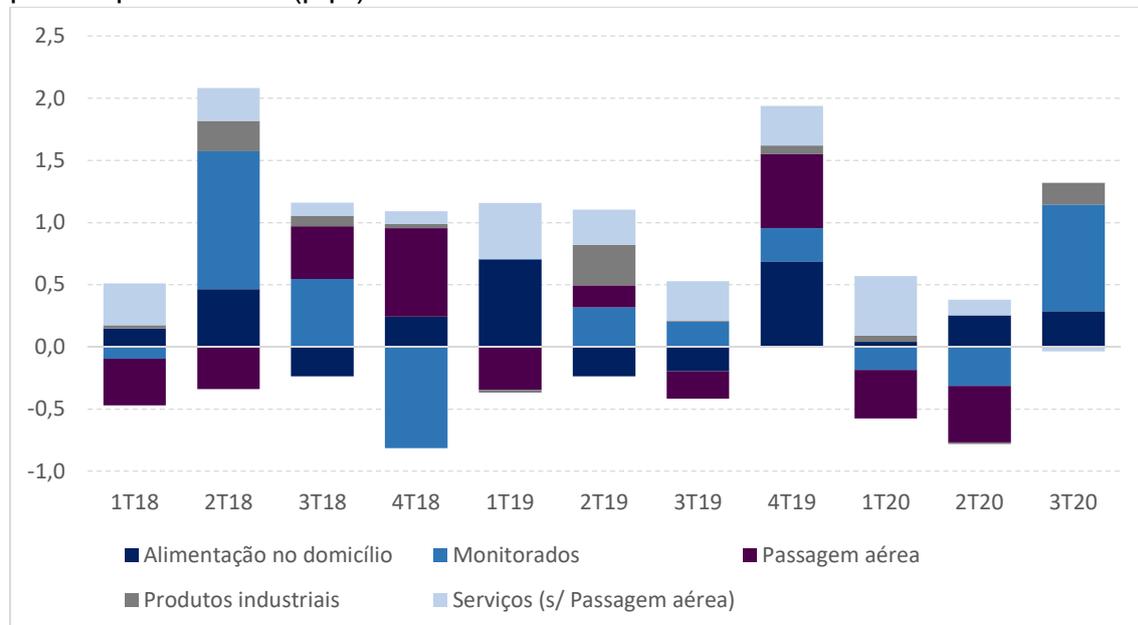
⁸ Resolução GECEX Nº 87, de 9 de setembro de 2020, zera as alíquotas de imposto de importação para arroz não parboilizado e polido ou brunido.

Os preços da Batata-inglesa e da Cebola, por sua vez, sofreram deflação devido à normalização da oferta no mercado local. Isso porque o período de entressafra, no qual a oferta é mais limitada, coincidiu com a alta repentina da demanda por conta do início da pandemia, provocando uma elevação significativa dos preços desses alimentos. Com o início da safra, os preços puderam retornar a patamares mais baixos e colaborar para uma inflação menos intensa. Dada a importância dos alimentos para a subsistência das famílias, uma análise mais detalhada do comportamento desse grupo será feita mais à frente.

Nos itens de Habitação, o aumento de 1,45% no preço do *Aluguel residencial* acumulado entre julho e setembro de 2020, o que conferiu a esse item uma contribuição de +0,06 p.p., foi o principal motivador do comportamento do grupo no trimestre de referência. Já, no grupo de Educação, um dos que apresentaram deflação no período, a redução de 0,08 p.p. referente ao *Ensino Superior* (-3,84%) ditou o seu desempenho.

O padrão da inflação observado no terceiro trimestre de 2020 confere uma maior contribuição da alta de preços aos produtos *Monitorados*, puxada pela elevação do preço da *Gasolina*. De acordo com o Gráfico 5, esse grupo responde por +0,86 p.p. do índice geral do período avaliado, enquanto *Alimentação no domicílio* (+0,29 p.p.) e *Produtos industriais* (+ 0,17 p.p.) também acrescentaram pontos percentuais ao IPCA do Distrito Federal. Nessa classificação do Banco Central do Brasil (BCB), os preços de contratação de Serviços⁹ foram os únicos a reter o crescimento da inflação, reduzindo-a em 0,04 ponto percentual.

Gráfico 5 – IPCA: Contribuição trimestral por segmentos selecionados de bens e serviços – Brasília (DF) – 1º trimestre de 2018 ao terceiro trimestre de 2020 – pontos percentuais (p.p.)

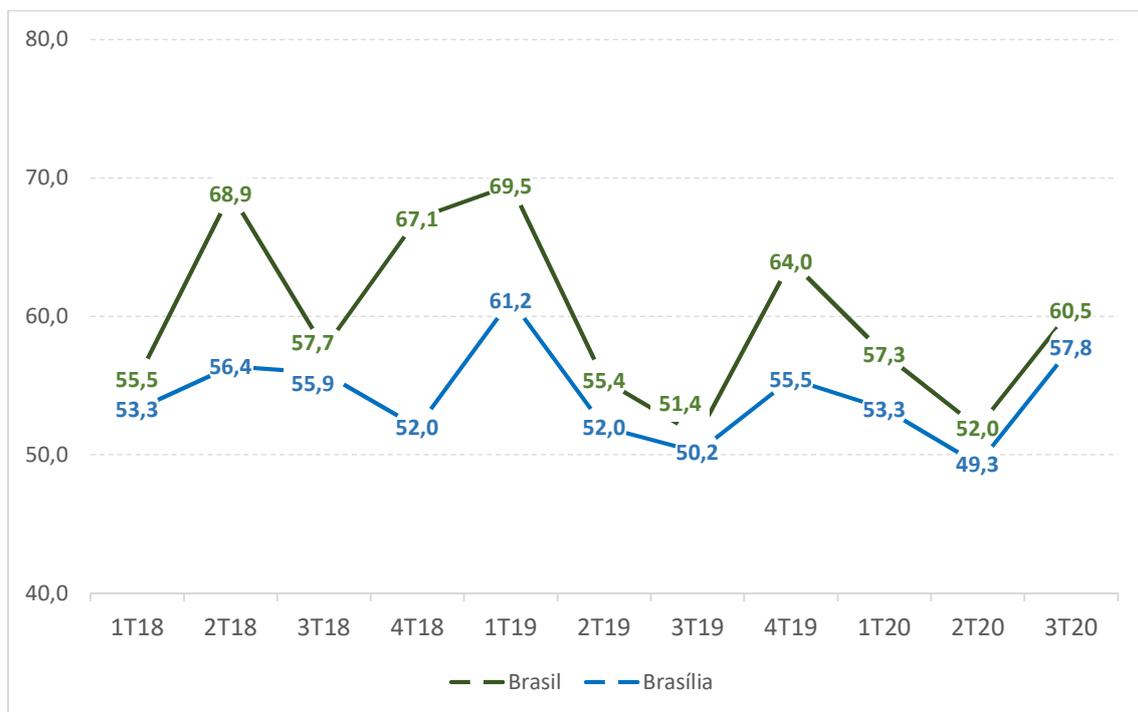


Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

⁹ Considera as contribuições de Serviços (sem passagem aérea) e Passagem aérea conjuntamente.

Outro ponto que merece menção é o fato de a inflação ter atingido a maioria dos bens e serviços que compõem a cesta de consumo da capital federal, de forma que o índice de difusão, que mede o percentual de subitens com registro de alta de preços, do terceiro trimestre de 2020, foi calculado em 57,8% (Gráfico 6). Isso evidencia um alastramento da inflação pelo mercado local e, conseqüentemente, uma redução das possibilidades das famílias de fazerem substituições no seu consumo para tentar minimizar os seus gastos. Em um cenário em que as pessoas tiveram os seus poderes de compra comprometidos pela pandemia do novo coronavírus e pelo elevado desemprego, essa situação ganha mais relevância. O índice do Brasil para o período foi estimado em 60,5%.

Gráfico 6 – IPCA: Índice de difusão da inflação trimestral – Brasil e Brasília (DF) – 1º trimestre de 2018 ao terceiro trimestre de 2020 – %

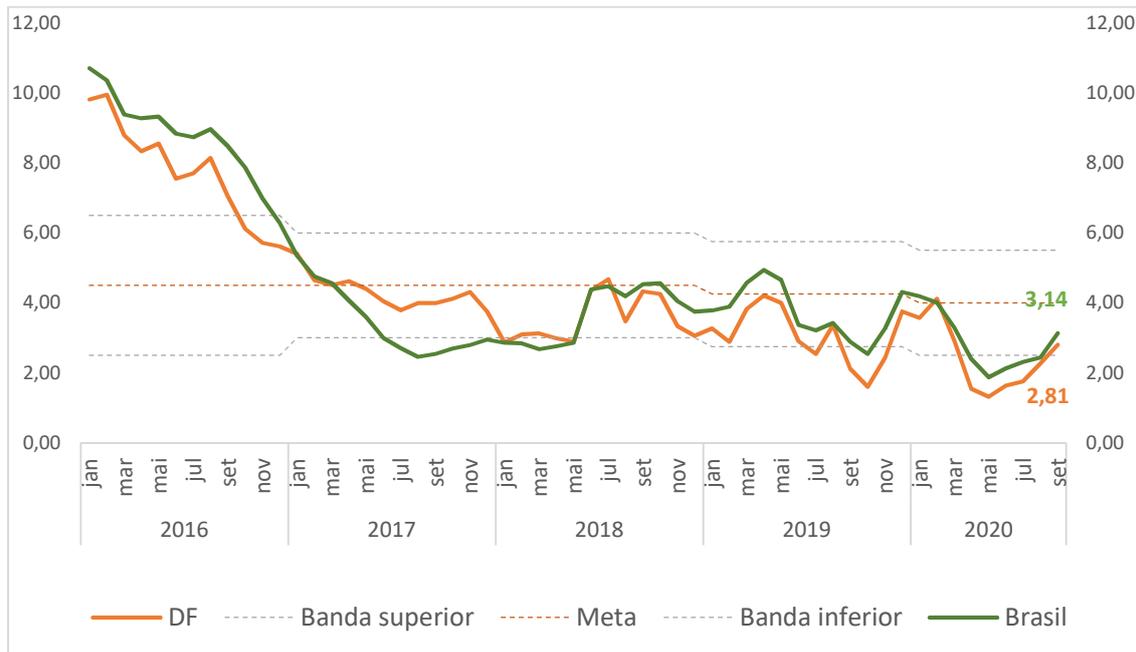


Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Resultado em 12 meses

A trajetória de longo prazo dos preços praticados no Distrito Federal, demonstrada no Gráfico 7, indica que a inflação local manteve-se em uma trajetória descendente até o mês de maio e, a partir de então, voltou a crescer e a reaproximar-se do limite inferior da meta (+2,50%). Em setembro de 2020, o percentual acumulado em 12 meses conseguiu romper a barreira inferior e atingiu +2,81% na capital federal e +3,14% no Brasil.

Gráfico 7 – IPCA: Variação acumulada em 12 meses do nível de preços – Brasil e Brasília (DF) – janeiro de 2016 a setembro de 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

A mediana das perspectivas do mercado, divulgada no Relatório Focus do BCB¹⁰, aponta que o IPCA do Brasil deve fechar o ano de 2020 com uma variação positiva de 3,20%. Isso indica que ainda há espaço para um aumento do nível de preços no quarto trimestre do ano, porém em menor intensidade do que a observada no terceiro trimestre, possivelmente refletindo o aprazimento da demanda reprimida. Caso a tendência da inflação distrital de permanecer inferior à aferida em nível nacional persista até o fim do ano corrente, espera-se que o IPCA do Distrito Federal não atinja o centro da meta de inflação que é de 4,00% para 2020.

Apesar de a inflação representar um aumento do custo de vida das famílias, ela também carrega um aspecto positivo por estar atrelada a uma melhora no consumo das famílias e, conseqüentemente, um estímulo ao aquecimento da economia local via crescimento da demanda. Afinal, com a reabertura gradual do comércio local, é factível pensar que as pessoas tendem a retomar seus hábitos normais de compras. Assim, os comerciantes podem restabelecer suas relações com seus fornecedores e contratar novos funcionários para atender os clientes, o que injeta mais recursos na economia de forma a reforçar o ciclo virtuoso.

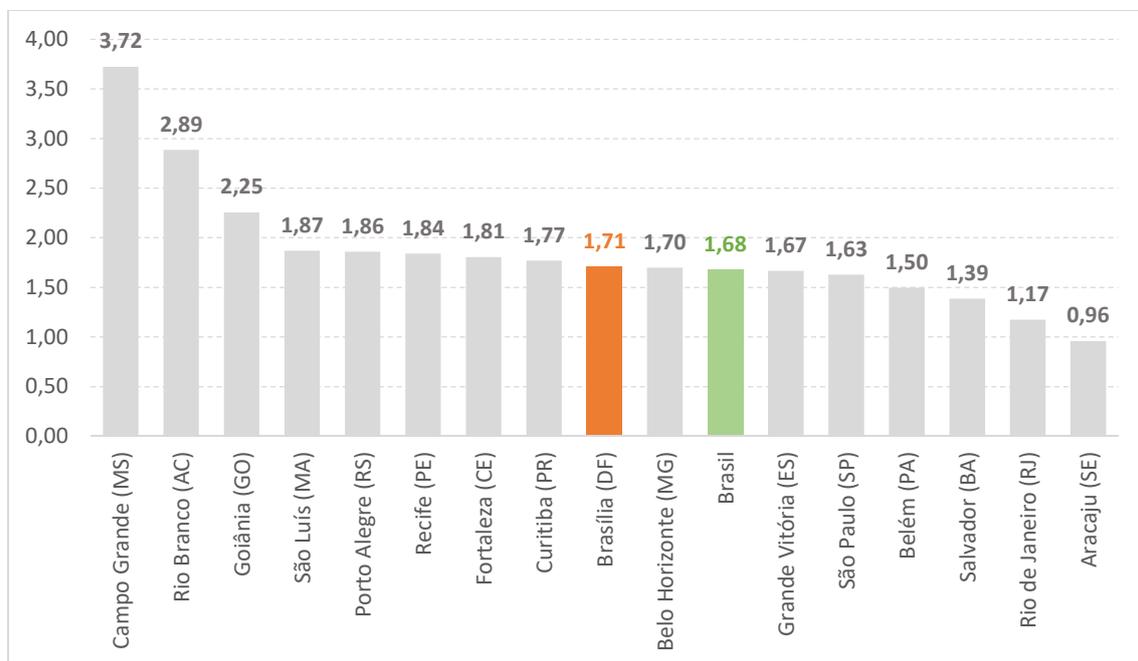
A única ressalva necessária é que, quando o aumento de preços é movido, principalmente pela inflação de produtos e serviços básicos, as camadas de mais baixa renda da população são atingidas mais intensamente. A relevância dessa preocupação motiva uma avaliação mais detalhada do comportamento dos preços dos alimentos.

¹⁰ Relatório de Mercado de 06 de novembro de 2020.

3. Índice Nacional de Preços ao Consumidor – INPC

A inflação do Distrito Federal, mensurada pelo INPC, acumulou alta de 1,71% entre julho e setembro de 2020, o que fez esse indicador superar o IPCA da região aferido no mesmo período em 0,42 p.p. (Gráfico 8). Essa situação merece atenção pelo fato de o INPC medir o aumento no nível de preços das classes de renda mais baixas, avaliando a variação de preços de uma cesta de bens e serviços representativa para os consumidores com renda domiciliar entre um e cinco salários mínimos.

Gráfico 8 – INPC: Variação acumulada no trimestre– Brasil e regiões – terceiro trimestre de 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

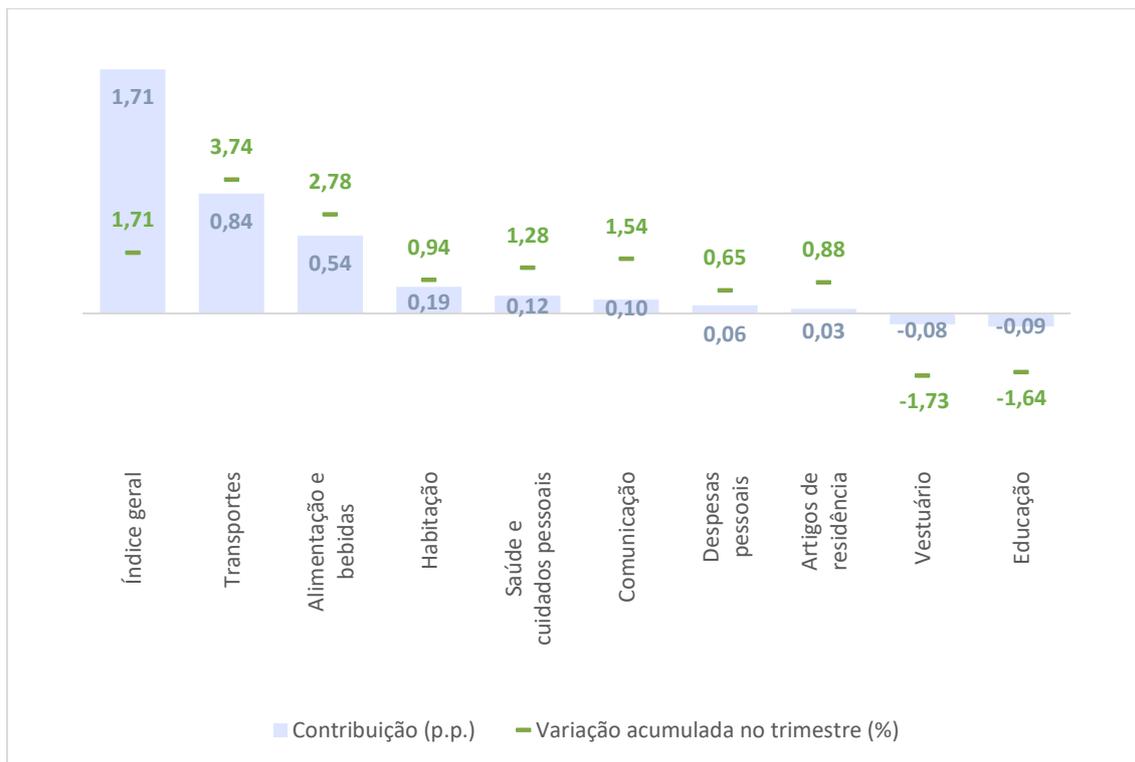
O percentual registrado no terceiro trimestre de 2020 para a capital federal é o oitavo menor entre as UFs pesquisadas pelo IBGE e encontra-se acima da média nacional, que foi computada em 1,68% no período analisado. A menor inflação trimestral foi observada em Aracaju (SE) e calculada em 0,96%, enquanto a maior, 3,72%, foi constatada em Campo Grande (MS).

Vale reforçar que as diferenças entre os percentuais informados para o IPCA e INPC se devem à composição das cestas de consumo representativa e aos pesos que os produtos pesquisados possuem no orçamento das famílias em diferentes faixas de renda.

Essas distinções entre os índices ajudam a explicar o porquê de o INPC ter apresentado aumento de preços em sete dos nove grandes grupos pesquisados, um a mais que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Os

serviços de *Transporte*, *Alimentação e bebidas* e de *Habitação*, no entanto, permanecem como os de maior contribuição para a inflação do índice geral, promovendo acréscimos de 0,84 p.p., 0,54 p.p. e 0,19 p.p., respectivamente (Gráfico 9). Os componentes sazonais identificados como os principais influenciadores do comportamento desses grupos e evidenciados na análise do IPCA são os mesmos que atuaram para o resultado do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC).

Gráfico 9 - INPC: Contribuição dos grandes grupos de bens e serviços para a inflação – Distrito Federal – terceiro trimestre de 2020 – p.p.



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

As contribuições negativas vieram exclusivamente dos serviços de *Educação*, cuja variação de -1,64% no terceiro trimestre assegurou um decréscimo de -0,09 p.p. para o índice geral e dos produtos de *Vestuário* (-0,08 p.p.), que, durante o trimestre de referência, ainda enfrentavam algumas limitações ao funcionamento de seus estabelecimentos comerciais, como proibição de prova de roupas e redução da capacidade de atendimento ao público. Além disso, alguns estabelecimentos estavam com estoques elevados referentes à estação de quando foram fechados, de forma que foi preciso conceder descontos nas peças, ajudando a reduzir o nível de preços desse segmento.

Em termos de subitens, a *Gasolina* desponta como a principal contribuição positiva para o índice geral, elevando em 0,80 p.p. o INPC do terceiro trimestre de 2020 e, conseqüentemente, sendo o principal motivo para o fato de os itens de *Transporte* terem se destacado para a alta dos preços do período (Tabela 2).

O *Arroz* e o *Óleo de soja*, conjuntamente, incluíram mais 0,22 p.p. ao índice trimestral e o *Aluguel residencial*, +0,13 ponto percentual. Por fim, tem-se o *Perfume* com variação de 5,48% e adição de 0,07 ponto percentual.

Tabela 2 – INPC: Subitens com as maiores (azul) e menores (laranja) contribuições no trimestre e suas variações e contribuições para o índice – Distrito Federal – terceiro trimestre de 2020 - % e p.p.

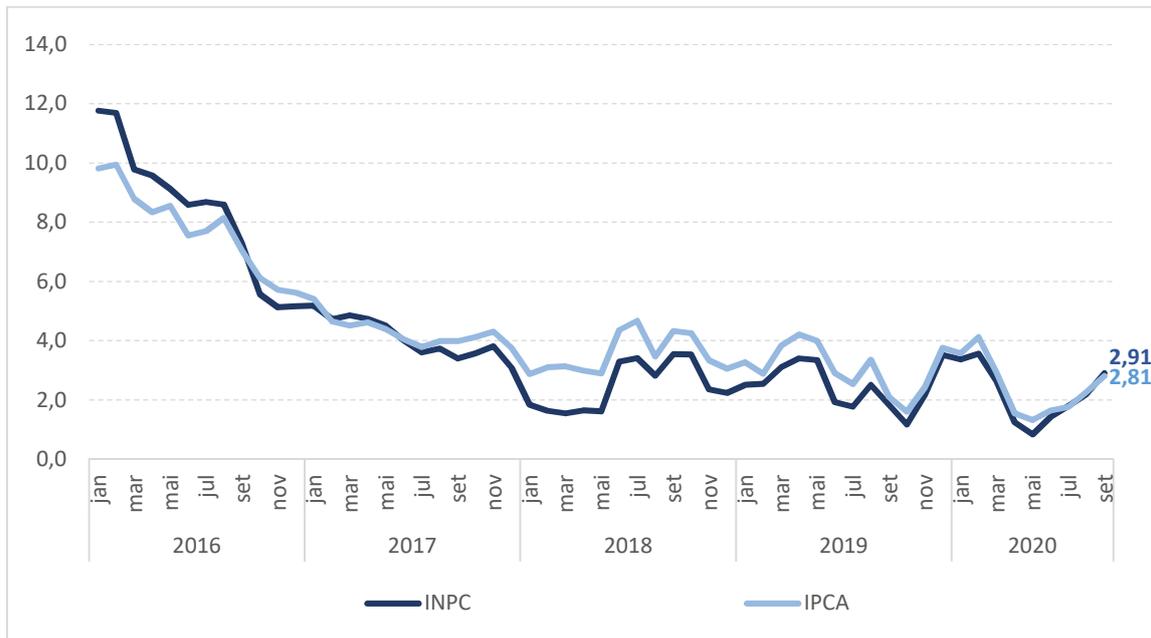
Subitens do INPC	Variação (%)	Contribuição (p.p.)
Gasolina	13,13	0,80
Arroz	27,53	0,15
Aluguel residencial	1,45	0,13
Óleo de soja	55,13	0,07
Perfume	5,48	0,07
Energia elétrica residencial	-0,82	-0,03
Seguro voluntário de veículo	-2,63	-0,03
Cebola	-39,19	-0,05
Ensino superior	-3,84	-0,06
Batata-inglesa	-41,76	-0,07

Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Nos subitens que auxiliaram a manutenção de uma inflação baixa, destaca-se a *Batata-inglesa*, cuja variação de -41,76% no seu preço proporcionou uma redução de -0,07 p.p. no INPC do terceiro trimestre de 2020. Em seguida, aparecem os serviços de *Ensino Superior* (-0,06 p.p.), cujo comportamento dos preços reflete, majoritariamente, a concessão de descontos para tentar estimular a captação de novos alunos ou a continuidade dos estudos daqueles já matriculados. A queda no preço da *Cebola* (-39,19%) foi suficiente para reduzir em 0,05 p.p. a inflação do período.

Em 12 meses, os aumentos da inflação para as faixas de renda mais baixas superiores às verificadas para uma parcela maior da população do Distrito Federal fez com que o percentual acumulado no período pelo INPC se aproximasse cada vez mais do IPCA, ultrapassando-o em setembro de 2020. Dessa forma, de outubro de 2019 a setembro de 2020, o IPCA registrou alta de 2,81%, enquanto o INPC percebeu incremento de 2,91%, valor que é 0,1 p.p. mais alto, como mostrado no Gráfico 10.

Gráfico 10 – INPC e IPCA: Variação acumulada em 12 meses do nível de preços – Brasília (DF) – janeiro de 2016 a setembro de 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

A aceleração da inflação mensurada pelo INPC tem implicações significativas pelo fato de representar um aumento do custo de vida para as famílias com renda domiciliar de um a cinco salários mínimos e, por conseguinte, uma redução do seu poder de compra. Assim, esse tipo de comportamento dos preços tem potencial de gerar problemas de cunho social relacionados ao incremento do endividamento e da inadimplência dos indivíduos, bem como a intensificação da segurança alimentar.

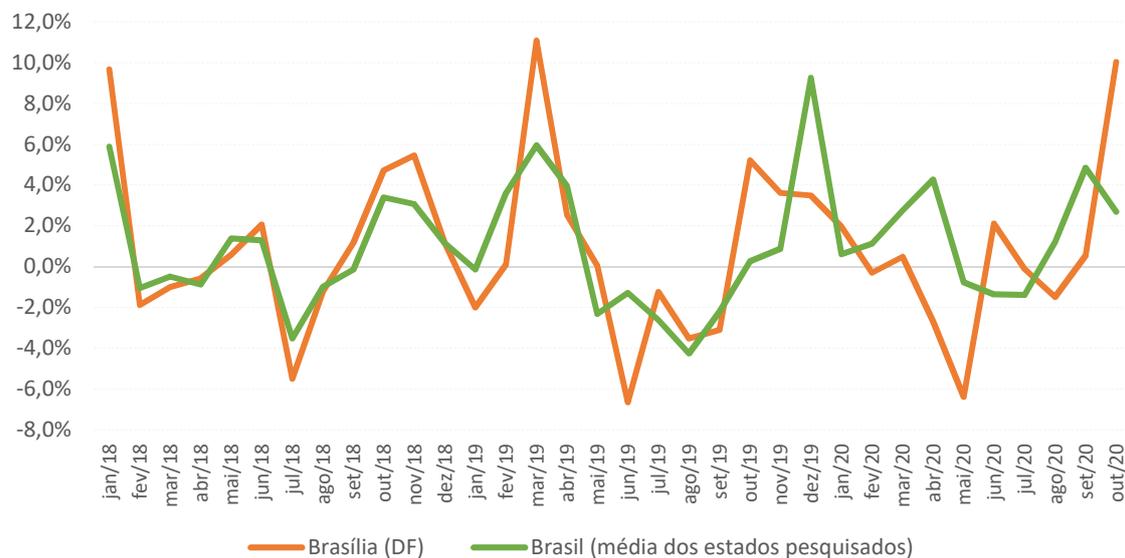
4. Comportamento do preço da cesta básica no Distrito Federal

O Brasil está passando por um processo inflacionário que atingiu, principalmente, o segmento de Alimentação e bebidas ao longo de 2020. Entre janeiro e setembro do ano corrente, esses produtos acumulam alta de 7,30% em seus preços de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). No Distrito Federal, o mercado seguiu a mesma tendência e registrou alta de 5,24% no acumulado do ano.

Esse movimento levanta certas preocupações em razão do encarecimento do valor da cesta básica e, em consequência, repercussão negativa sobre o poder de compra dos indivíduos, uma vez que acaba por comprometer parcelas cada vez maiores da renda das famílias.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), o custo de aquisição da cesta básica do Distrito Federal sofreu uma deflação de 1,7% no terceiro trimestre de 2020, atingindo o montante médio de R\$ 445,76 em setembro de 2020. No entanto, como é possível ver no Gráfico 11, a tendência dos últimos meses é de alta do valor cobrado pela cesta básica. Quando comparados o valor médio registrado entre janeiro e setembro de 2020 (R\$ 461,20) e o de 2019 (R\$ 451,28), nota-se que uma inflação de 2,2% indica que os preços pagos no ano corrente estão acima dos praticados no ano passado. Para o Brasil, as variações observadas foram ainda mais intensas apresentando alta de 4,7% no terceiro trimestre de 2020 e de 10,4% no comparativo interanual.

Gráfico 11 – Cesta Básica: Variação do valor da cesta em relação ao mês anterior – Brasil e Distrito Federal – janeiro de 2018 a outubro de 2020 - %



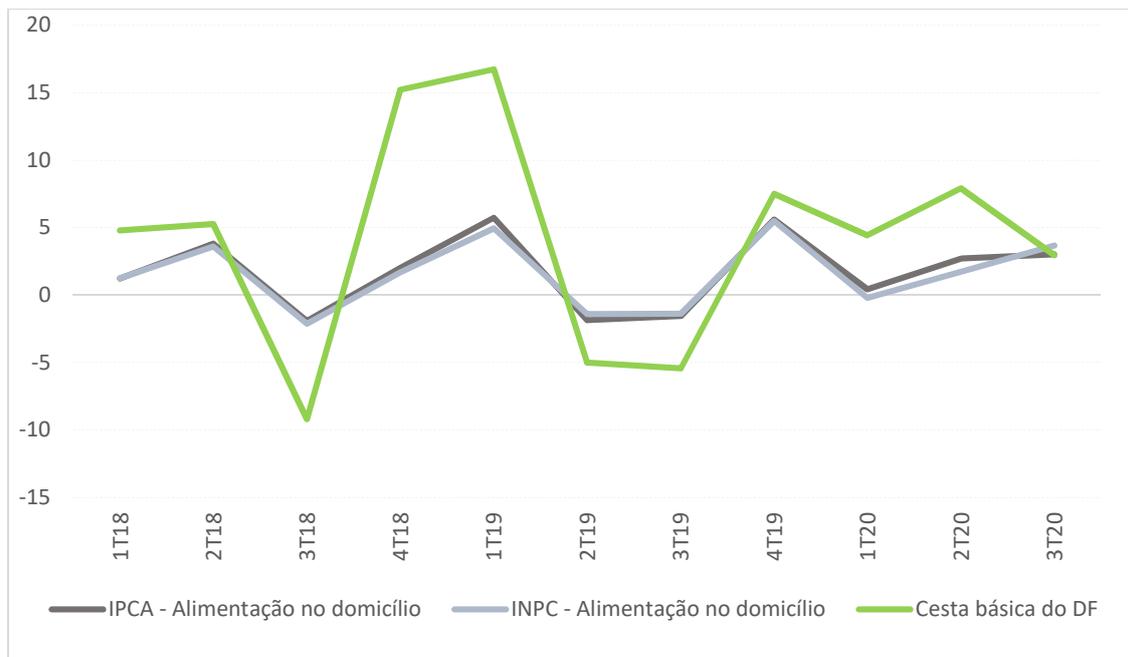
Fonte: Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

O aumento do preço dos itens que compõem a cesta básica fez com que a parcela gasta do salário mínimo, que é fixo para todo o ano, sofresse incremento de forma que os indivíduos dispusessem de menor volume de recursos para as demais despesas essenciais a sua sobrevivência. Considerando o salário mínimo de 2020, R\$ 1.045,00, pode-se assumir que 42,7% do valor é consumido em despesas de alimentação, restando apenas R\$ 598,67 para gastos com eletricidade, aluguel, água, gás, educação e outras obrigações.

Outro ponto que merece destaque é que a inflação dos produtos da alimentação básica do brasiliense mensurada, tanto pelo IPCA quanto pelo INPC, não captura corretamente a magnitude do aumento do nível de preços para as faixas de renda mais baixas da população. De acordo com o Gráfico 12, a inflação da cesta básica do Distrito Federal acumulada em cada trimestre de 2020 permaneceu

acima daquelas verificadas pelos índices de preço específicos da Alimentação no domicílio da capital federal, reaproximando-se deles apenas no terceiro trimestre.

Gráfico 12 – Índice de preços: Variação acumulada no trimestre para o segmento de Alimentação no Domicílio mensurada pelo IPCA e pelo INPC e para a cesta básica – Distrito Federal – 1º trimestre de 2018 a terceiro trimestre de 2020 - %

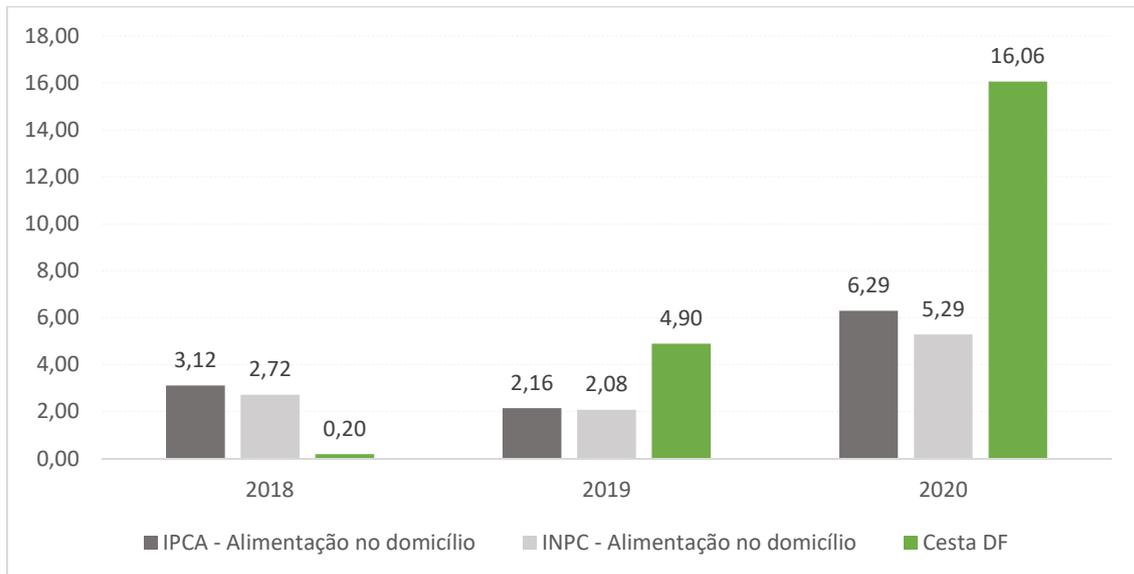


Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Também é possível perceber que, no 2º trimestre de 2020, a cesta básica do Distrito Federal percebeu um incremento mais acentuado de preços. Talvez esse movimento esteja atrelado à maior procura por gêneros da alimentação básica em função do receio de desabastecimento impulsionado pelo fechamento de alguns estabelecimentos comerciais para combater a disseminação do novo coronavírus na região.

Dessa forma, no acumulado nos três primeiros trimestres do ano de 2020, a inflação da cesta básica variou positivamente em 16,06%, valor que supera em quase dez pontos percentuais o aumento de preços observado pelo IPCA da Alimentação no domicílio (6,29%) (Gráfico 13). Também chama a atenção o fato de esse percentual ter sido o maior registrado nos últimos dois anos no mesmo período.

Gráfico 13 – Índice de preços: Variação acumulada nos três primeiros trimestres de cada ano para o segmento de Alimentação no Domicílio mensurada pelo IPCA e pelo INPC e para a cesta básica – Distrito Federal – 2018, 2019 e 2020 - %



Fonte: IBGE. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

A diferença da intensidade da inflação capturada pelos índices analisados pode estar atrelada, entre alguns fatores, ao fato de o IPCA e o INPC pesquisarem os preços de outros produtos que não pertencem ao rol da cesta básica, de forma que suas variações podem compensar as registradas naqueles alimentos que fazem parte.

Assim, ainda que o INPC tente mensurar o aumento do nível de preços para aquelas famílias de mais baixa renda dando um cenário mais acurado que o IPCA, cabe acompanhar o comportamento dos preços da cesta básica como complemento. Isso porque ela captura a inflação que incide efetivamente sobre os indivíduos com menor poder aquisitivo e, portanto, permite identificar corretamente se esses estão tendo acesso a condições adequadas de alimentação.

Em última instância, essa análise consegue evitar problemas de segurança alimentar e o estabelecimento de políticas públicas voltadas para o bem-estar da população local.

Seção IV

Mercado de Trabalho

1. Sumário

O mercado de trabalho do Distrito Federal apresentou indícios de recuperação no terceiro trimestre de 2020 quando comparado ao trimestre anterior, com queda da taxa de desemprego e aumento do número de ocupados tanto nos setores público e privado quanto em empregos autônomos.

De acordo com os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF)¹¹, o desemprego local passou de 21,6% para 18,4%, mas poderia ter sido ainda menor se não fosse o crescimento do número de indivíduos que passaram a procurar um emprego na capital federal. Isso significou a incorporação de 85 mil pessoas na massa de ocupados. A queda do desemprego em todas as posições de ocupação, em especial no setor privado sem carteira assinada e entre os trabalhadores autônomos, em conjunto com um aumento do rendimento real entre o setor público e os trabalhadores autônomos, levou a um aumento de 6,9% na massa de rendimentos reais dos assalariados locais.

A criação de vagas formais de emprego é também identificada pelo Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged)¹², que evidenciou que o número de admissões ocorridas no Distrito Federal no terceiro trimestre de 2020 excedeu o número de desligamentos em 7.939 vagas. Todos os setores econômicos apresentaram saldo positivo no trimestre, com destaque para a *Construção*, que teve o maior resultado do período (+2.474 postos), e para o *Comércio* e os *Serviços* (+2.470 e +2.084, respectivamente), que haviam sido severamente impactados pelas restrições comerciais do segundo trimestre do ano (quando seus saldos haviam sido de -7.053 e -16.858 postos de emprego).

¹¹ A PED/DF teve sua divulgação suspensa entre setembro de 2019 e março de 2020 por motivos técnicos. Nesse período, a análise do mercado de trabalho do Distrito Federal foi substituída pelas informações divulgadas pela PNADCT, ainda que essas pesquisas não sejam comparáveis, com a finalidade de manter o acompanhamento desse indicador. Com o retorno da pesquisa pela Codeplan e pelo Dieese, foi possível reestabelecer a análise da Pesquisa de Emprego e Desemprego.

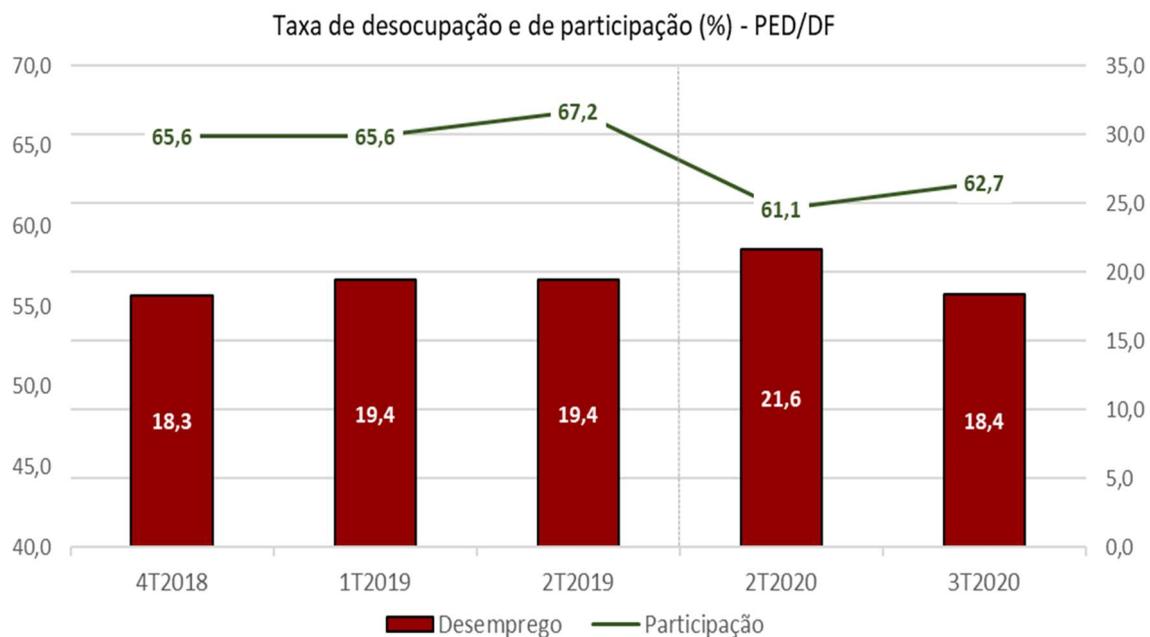
¹² A Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia substituiu o uso do Sistema Caged para registro de admissões e desligamentos pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (Novo Caged), incorporando novas fontes de dados a fim de complementar a informação de desligamentos. A mudança de metodologia ocorreu em janeiro de 2020, mas a nova série de dados só foi disponibilizada em maio do mesmo ano.

O comportamento observado captura os meses iniciais após o relaxamento das medidas de restrições comerciais adotadas para diminuir a propagação da Covid-19 no Distrito Federal. Os efeitos da pandemia, porém, devem ser sentidos ainda no último trimestre do ano.

2. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED/DF)

De acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego do Distrito Federal (PED/DF), a taxa de desemprego distrital encerrou o terceiro trimestre de 2020 em 18,4%¹³. Esse valor representa uma redução de 3,2 pontos percentuais no indicador em relação ao trimestre anterior, reportando uma atenuação dos efeitos da crise desencadeada pela pandemia da Covid-19.

Gráfico 1 – PED/DF – Taxa de desocupação e de participação (%) – 4º trimestre de 2018 a 3º trimestre de 2020* – Distrito Federal



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF). Convênio Codeplan-Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

*Não houve divulgação da PED entre setembro de 2019 e março de 2020.

¹³ A PED/DF é uma pesquisa desenvolvida pela Codeplan em parceria com o Departamento Sindical de Estatística e Estudos Econômicos (Dieese) e possui metodologia própria a fim de melhor capturar as realidades do mercado de trabalho local. Assim, seus resultados não são simétricos a outras pesquisas voltadas ao mesmo tema, como a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PNADCT).

Apesar da melhora do indicador no período, esse resultado ainda equivale a 288 mil pessoas desocupadas no Distrito Federal e se encontra acima da média histórica para a taxa de desemprego do terceiro trimestre, que foi de 15,1% entre 2012 e 2018¹⁴. O desalento¹⁵, situação na qual as pessoas, diante das perspectivas conjunturais, optam por não procurar emprego, também é significativo na região, o que é observado na taxa de desemprego oculto que estava em 3,2% no trimestre. Além disso, cerca de 931 mil pessoas em idade de trabalhar escolheram permanecer fora da força de trabalho no terceiro trimestre de 2020, o que levou a taxa de participação (porcentagem da população em idade ativa que procurou trabalho nos últimos trinta dias) a 62,7%. Novamente, o resultado é superior ao do trimestre anterior, quando foi de 61,6%, porém bastante inferior à sua média histórica, de 65,7%.

Os números são preocupantes por dois motivos: primeiro, ele representa que o nível de atividade da economia está suficientemente fraco ao ponto de o mercado de trabalho não ser capaz de absorver as pessoas em busca de uma ocupação, e isso levou alguns a não terem perspectiva de conquistar uma vaga, e que essa situação deve permanecer no curto prazo. Segundo, se considerássemos o valor médio da taxa de participação nos últimos anos¹⁶, haveria um aumento daqueles interessados em participar da força de trabalho, de forma que o Distrito Federal registraria uma massa de desempregados em cerca de um quarto maior (364 mil de pessoas) do que a observada (288 mil).

Ainda assim, a maior contribuição para a queda da taxa de desemprego veio do aumento da população ocupada que, conforme mostrado no Gráfico 2, contribuiu para a redução da taxa de desocupação em 5,8 pontos percentuais. Em outras palavras, caso houvesse se configurado apenas a variação na população ocupada observada entre o terceiro e o segundo trimestres de 2020, com todos os demais mecanismos do mercado de trabalho se mantendo constantes, a taxa de desocupação seria quase seis pontos percentuais abaixo da realizada no trimestre anterior. Em contraposição, o simples crescimento demográfico da população em idade ativa, que gera naturalmente um aumento da oferta de mão de obra, contribuiu para elevar em 0,4 ponto percentual o nível de desemprego.

Essa redução da taxa de desemprego não se concretizou de forma mais acentuada igualmente em função da expansão da taxa de participação ressaltada anteriormente. Com mais indivíduos passando a procurar trabalho, houve uma pressão na taxa de desocupação do terceiro trimestre de 2020 de 2,1 p.p. em

¹⁴ Está excluído da análise o ano de 2014 quando não houve divulgação da PED no terceiro trimestre.

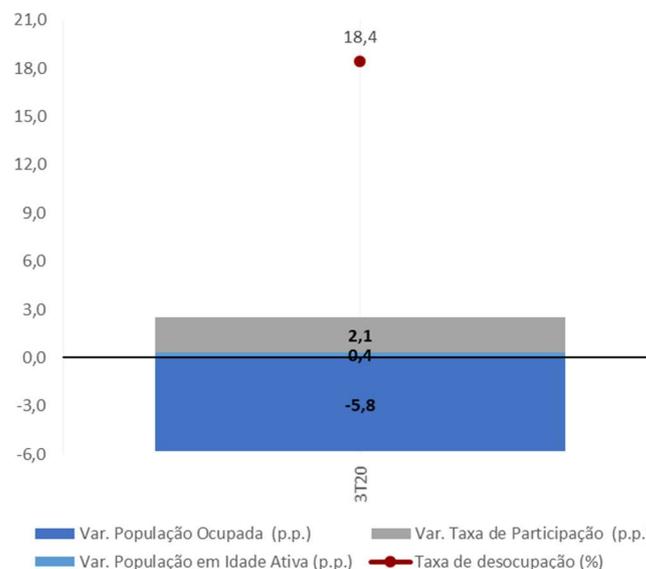
¹⁵ O desalento está associado à decisão de permanecer fora da força de trabalho pela falta de perspectivas de conseguir um emprego diante da falta de opções (fatores conjunturais), mas existem outros motivos que levam um indivíduo a não procurar emprego estando na idade apropriada para tal, como estudo, aposentadoria ou aquele que opta por não trabalhar, mesmo havendo oportunidade.

¹⁶ Considerando as taxas de participação entre os anos de 2016 e 2019.

relação ao segundo trimestre do ano, de forma que a variação observada na taxa de desocupação foi de 3,2 pontos percentuais¹⁷.

No que se refere à posição de ocupação dos trabalhadores, verifica-se que houve uma expansão generalizada em todas as ocupações entre o terceiro e o segundo trimestres de 2020. A única exceção foi a posição de empregado doméstico que se manteve constante na análise.

Gráfico 2 – PED/DF – Decomposição da variação na taxa de desocupação (p.p.) e taxa de desocupação (%) – 3º trimestre de 2020 em relação ao 2º trimestre de 2020 – Distrito Federal



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF). Convênio Codeplan-Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Houve um aumento expressivo no número de empregados sem carteira assinada (+35,8%, ou 24 mil ocupados) e de trabalhadores autônomos (+18,4%, ou 35 mil ocupados).

Essas categorias possuem por natureza menor cobertura de mecanismos de proteção social, como FGTS, INSS e seguro-desemprego, de forma que esse resultado, embora positivo, ilustra um pouco a fragilidade que ainda permeia o mercado de trabalho local após meses de paralisação comercial em função da pandemia do novo coronavírus. Ainda assim, é importante destacar que o aumento do número de ocupados é indicativo de um aumento na confiança das empresas de que há demanda por seus produtos, sinalizando uma recuperação da economia distrital.

¹⁷ É possível que haja pequenas discrepâncias entre o somatório das contribuições dos indicadores e a variação total da taxa de desocupação. Essas diferenças resultam apenas do arredondamento dos valores, não impactando a análise do mercado de trabalho.

A expansão observada no número de ocupados configurou-se também no setor privado com carteira assinada e no setor público, embora de forma bem menos intensa. No caso do primeiro, foram oito mil novos empregados (+1,7%), enquanto o segundo ocupou quatro mil trabalhadores adicionais (+1,3%).

Quanto ao rendimento real médio desses trabalhadores, houve um crescimento de 3,2% no indicador entre os assalariados locais entre o segundo e terceiro trimestres do ano, encerrando o período em R\$ 4.285. Esse aumento se configura apesar do crescimento da participação do setor privado sem carteira assinada e do trabalho autônomo no mercado de trabalho local, posições cujo rendimento é historicamente inferior aos ocupados no setor público.

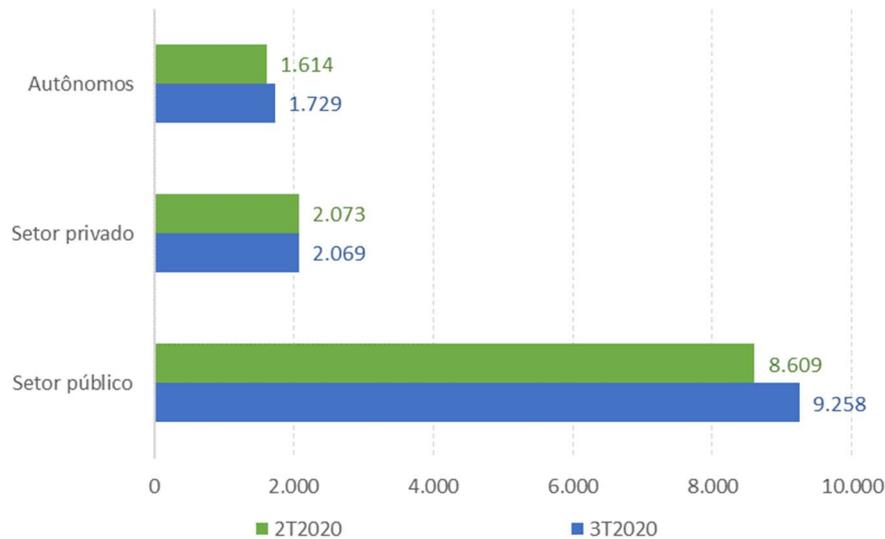
Tabela 1 – PED/DF – Comportamento do mercado de trabalho – 2º trimestre de 2020 e 3º trimestre de 2020 – Distrito Federal

Pesquisa de Emprego e Desemprego				
	2º trimestre 2020	3º trimestre 2020	Variação %	Variação absoluta
Indicadores (em mil pessoas)				
População				
Em idade de trabalhar (PIA)	2.484	2.495	0,4%	11
Na força de trabalho (PEA)	1.517	1.564	3,1%	47
Ocupada	1.190	1.275	7,1%	85
Desocupada	327	288	-11,9%	-39
Fora da força de trabalho (Inativos)	967	931	-3,7%	-36
Posição na ocupação				
Empregado no setor privado com carteira	474	482	1,7%	8
Empregado no setor privado sem carteira	67	91	35,8%	24
Empregado no setor público (inclusive servidor estatutário e militar)	299	303	1,3%	4
Autônomo	190	225	18,4%	35
Empregado doméstico	70	70	0,0%	0
Demais posições	90	104	15,6%	14
Taxas (em pontos percentuais)				
Taxa de desocupação	21,6	18,4	-	-3,2
Taxa de participação na força de trabalho	61,1	62,7	-	1,6
Rendimento médio real (em reais)				
Assalariados	4.153	4.285	3,2%	132

Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF). Convênio Codeplan-Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Isso ocorreu porque a remuneração média entre os autônomos (R\$ 1.729) e no setor público (R\$ 9.258) cresceu em relação ao trimestre anterior (variações de +7,1% e +7,5%, respectivamente), e mantendo-se estável no setor privado (R\$ 2.069; variação de -0,2%). Esse resultado, em conjunto com o aumento do número de ocupados em todas as posições da ocupação no período aponta indícios de recuperação do nível e padrão de consumo da população local.

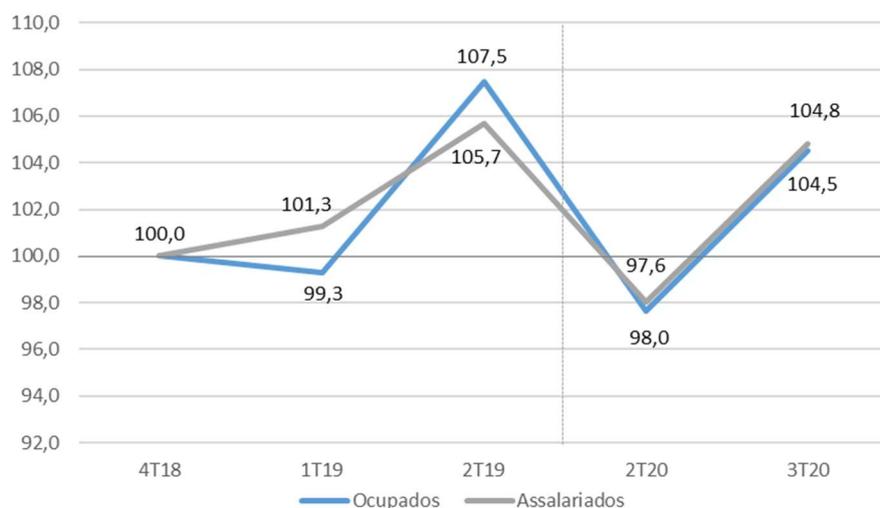
Gráfico 3 – PED/DF – Rendimento médio real, por posição na ocupação – 2º trimestre de 2020 e 3º trimestre de 2020 – Distrito Federal



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF). Convênio Codeplan-Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Assim, a massa de rendimentos do Distrito Federal cresceu entre o terceiro trimestre de 2020 e o trimestre anterior. Na análise em número-índice (utilizando o último trimestre de 2018 como base), a massa de rendimentos dos ocupados locais avançou 6,5 p.p. e a dos assalariados, 7,2 pontos percentuais.

Gráfico 4 – PED/DF – Evolução da massa de rendimentos reais – Número-índice (base: 4º trimestre de 2018 = 100) – 4º trimestre de 2018 a 3º trimestre de 2020* – Distrito Federal



Fonte: Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal (PED/DF). Convênio Codeplan-Dieese. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

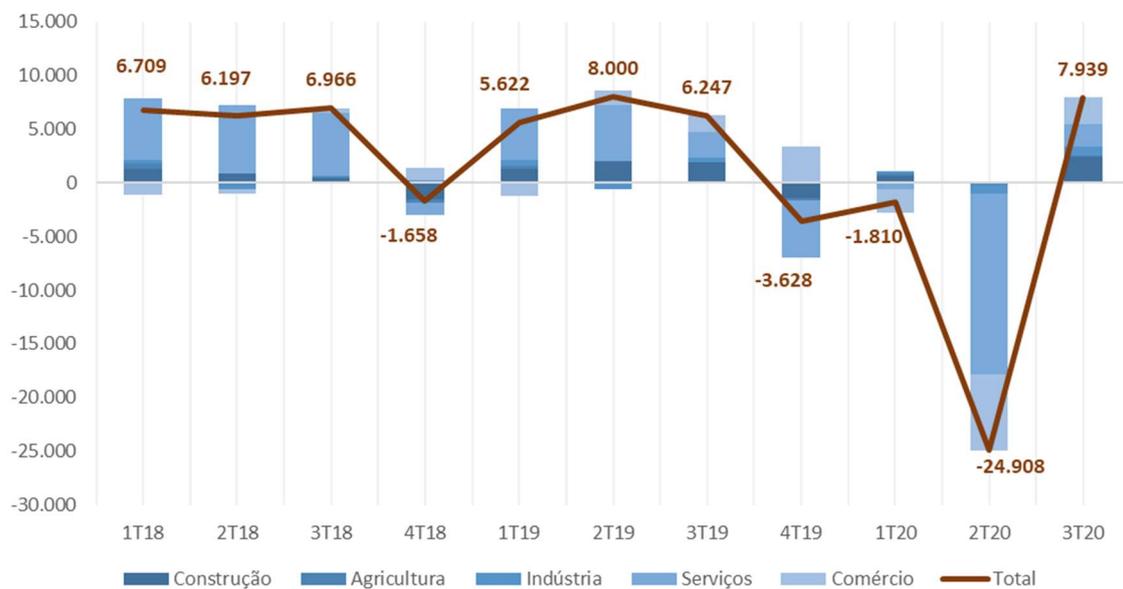
*Não houve divulgação da PED entre setembro de 2019 e março de 2020.

3. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED (ME)

As estatísticas do emprego formal do Distrito Federal e de todos os estados brasileiros passaram no ano de 2020 a serem divulgadas pelo Novo Caged, que utiliza o Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged – antigo) e as informações do Empregador Web para gerar os dados sobre o mercado de trabalho.

De acordo com o Novo Caged, no Distrito Federal, o número de novas contratações no terceiro trimestre de 2020 superou o de desligamentos, o que gerou um saldo positivo de 7.939 postos de trabalho com carteira assinada¹⁸. É o primeiro trimestre a apresentar saldo positivo desde o terceiro trimestre de 2019.

Gráfico 5 – Novo Caged – Saldo entre admitidos (+1) e desligados (-1), por grandes setores – 1º trimestre de 2018 a 3º trimestre de 2020 – Distrito Federal



Fonte: Novo Caged/ME. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Todos os setores de atividade econômica criaram postos de emprego formal no trimestre. A *Construção*, segmento de destaque dado seu grande potencial como dinamizador da economia local, encabeçou a geração de vagas, com 2.474 postos no trimestre.

O *Comércio* e os *Serviços*, setores de importante participação na economia local e fortemente impactados pelas medidas de combate ao novo coronavírus, também apontaram saldos bastante positivos no período. O primeiro gerou 2.470 empregos – valor muito próximo do resultado da *Construção* – enquanto o segundo foi responsável por 2.084 vagas. Esses valores se destacam pela sua comparação com trimestre anterior, sujeito quase em sua totalidade à paralisação

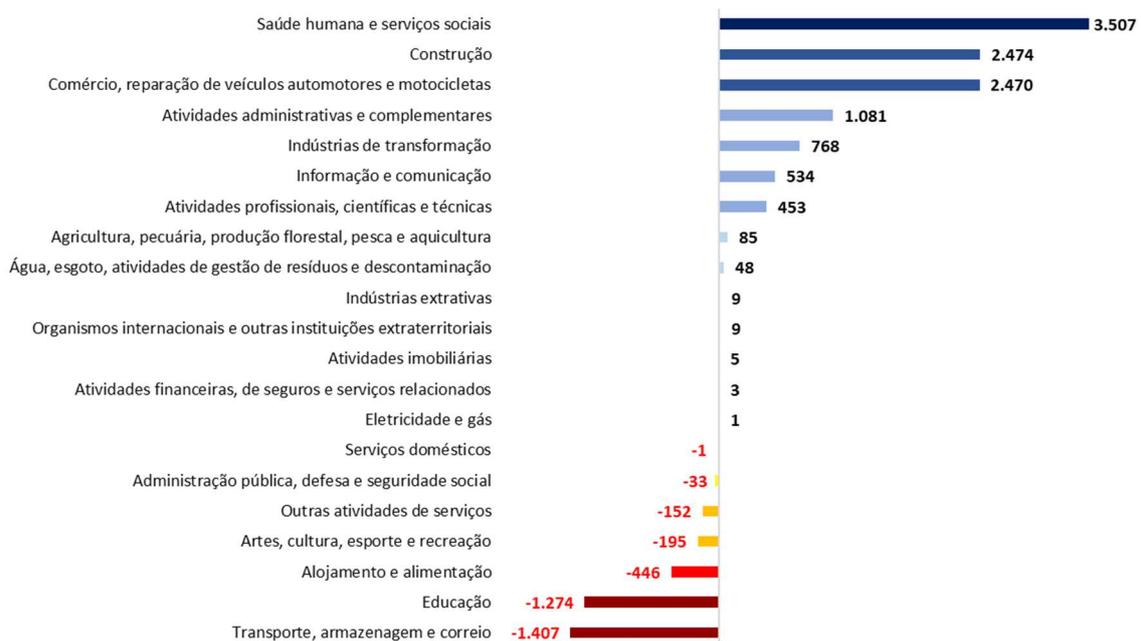
¹⁸ Dados extraídos no dia 13 de novembro.

geral dos empreendimentos comerciais locais, quando seus resultados foram de -7.053 postos e -16.858 postos, respectivamente. A *Indústria* (826 vagas) e a *Agricultura* (85 vagas) fecham os saldos positivos do trimestre.

Detalhando a contribuição das atividades econômicas para o desemprego local, observa-se, no terceiro trimestre de 2020, que o segmento que teve maior impacto positivo foi o de *Saúde humana e serviços sociais*, que gerou 3.507 empregos no período. A *Construção* e o *Comércio*, mencionados acima, aparecem em seguida.

Já os serviços de *Transporte, armazenagem e correio* e *Educação* são o que apresentaram os saldos mais negativos do trimestre, fechando 1.407 e 1.274 postos de trabalho, respectivamente. O último destaque é o *Alojamento e alimentação*. Bares e restaurantes foram, juntamente com academias e salões de beleza, os serviços que permaneceram mais tempo fechados no Distrito Federal. Apesar de apontar contração no terceiro trimestre de 2020 (-446 vagas), esse resultado foi muito superior ao observado no trimestre anterior quando o saldo foi de -7.727 empregos.

Gráfico 6 – Novo Caged – Saldo entre admitidos (+1) e desligados (-1), por seção da CNAE – 3º trimestre de 2020 – Distrito Federal



Fonte: Novo Caged/ME. Elaboração: GECON/DIEPS/Codeplan

Os dados do terceiro trimestre capturam os meses iniciais após o relaxamento das medidas de restrições comerciais adotadas para diminuir a propagação da Covid-19 no Distrito Federal, de forma que já capturam indícios de recuperação do mercado de trabalho distrital. Os efeitos da pandemia, porém, ainda devem ser sentidos ainda no último trimestre do ano, período historicamente marcado por grande número de desligamentos de cargos nos setores de *Construção* e

*Educação*¹⁹, uma vez que a recuperação econômica demora a se transformar em incentivos a novas contratações.

Cabe mencionar que, por meio da redução do poder aquisitivo associada à perda da ocupação, o desemprego tem implicações desfavoráveis sobre o nível de atividade da economia local que, por sua vez, reforça o número de desligamentos. Assim, ressalta-se a importância dos indícios de recuperação do mercado de trabalho do Distrito Federal observados ao longo do terceiro trimestre do ano.

¹⁹ Essa sazonalidade é explorada em <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/O-Resultado-do-CAGED-para-o-Distrito-Federal-em-dezembro-de-2017.pdf>

Considerações finais

A flexibilização das medidas impostas para o combate à disseminação do novo coronavírus ampliou a quantidade de estabelecimentos em funcionamento, os horários de atendimento ao público e o número de pessoas em circulação. Assim, o terceiro trimestre foi marcado tanto por um estímulo à oferta quanto à demanda, o que resultou em um maior nível de atividade econômica e em uma atenuação dos efeitos negativos registrados no trimestre anterior.

Contudo, as inúmeras dúvidas em relação ao comportamento e à duração da pandemia, à disponibilização da vacina contra o coronavírus dificultam qualquer tentativa de antecipação dos resultados econômicos. É possível, entretanto, fazer algumas considerações com base em indicadores disponíveis sobre o desempenho do mercado local.

O fomento ao nível de atividade econômica verificado no terceiro trimestre deve perder um pouco da sua intensidade, uma vez que o valor concedido pelo governo federal a título de auxílio emergencial foi reduzido pela metade, além de ter restringido o acesso de novos pleiteantes ao benefício financeiro. Considerando que a taxa de desemprego continua elevada, a diminuição do incentivo monetário pode contrair o poder de compra da população de uma forma e, conseqüentemente, diminuir o nível de consumo. Sem o ímpeto da demanda, a gradual recuperação da atividade produtiva pode desacelerar.

Adicionalmente, apesar de reconhecer que a atual conjuntura exige certo nível de incentivo monetário, o Comitê de Política Monetária (Copom) preza pela prudência e pela estabilidade financeira do país. Isso indica que é pouco provável as políticas de estímulo sejam intensificadas²⁰ e que é possível regredir caso haja alterações fiscais que modifiquem a trajetória da dívida pública.

A manutenção do grau de estímulo monetário também está atrelada ao comportamento dos preços praticados, mas esse não deve constituir um problema. Ainda que no terceiro trimestre tenha prevalecido uma orientação inflacionista, o IPCA permanece dentro das bandas de flutuação determinadas pelo Copom para o ano de 2020 e as projeções indicam que ele deve convergir para a meta também nos anos de 2021 e 2022. Importante mencionar, no entanto, que a decisão de adotar a bandeira vermelha para a tarifa elétrica pode acelerar a alta dos preços nos próximos meses.

Em relação à atividade econômica, o comportamento no terceiro trimestre foi de firme reação à queda registrada no primeiro semestre de 2020. A ímpeto de recuperação aparece em vários segmentos de atividade econômica. Contudo, as atividades comerciais e a prestação de serviços, dois dos segmentos mais afetados pelo novo coronavírus, tendem a demorar mais para se recuperarem completamente. Por fim, cabe destacar que, mesmo diante dessa reação, os efeitos nocivos da pandemia seguem impactando muitos indicadores socioeconômicos e devem continuar a repercutir negativamente sobre o nível de atividade produtiva enquanto a pandemia não se encaminhar para uma solução definitiva.

²⁰ Ata Copom da 234ª reunião, a mais recente disponível em 13 de dezembro de 2020. <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascopom>